



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

**VISÕES DO DESENVOLVIMENTO:
IMAGENS (RE)VELADAS NAS CONFLITIVIDADES DA/NA FRONTEIRA (2016-
2019)**

Paulo Roberto Costa da Silva

Foz do Iguaçu
2021

VISÕES DO DESENVOLVIMENTO:
IMAGENS (RE)VELADAS NAS CONFLITIVIDADES DA/NA FRONTEIRA (2016-
2019)

Paulo Roberto Costa da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em História- América Latina

Orientador: Profa. Dra. Roberta Traspadini

Foz do Iguaçu
2021

PAULO ROBERTO COSTA DA SILVA

VISÕES DO DESENVOLVIMENTO:

IMAGENS (RE)VELADAS NAS CONFLITIVIDADES DA/NA FRONTEIRA (2016-2019)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Roberta Sperandio Traspadini
UNILA

Prof. Dra. Cecilia Machado Angileli
UNILA

Prof. Dra. Rosangela de Jesus Silva
UNILA

Prof. Dr. Paulo Humberto Porto Borges
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a minha saudosa Tia Anita.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as três mulheres mais importantes da minha vida, a elas eu devo tudo: minha mãe, Dona Teresa, minha tia-mãe, Madalena, e a minha avó, Dona Almerinda. Três mulheres que acreditaram e que apostaram que a educação é o caminho para a mudança qualitativa de vida. Três mulheres que trabalharam duro para mudar a vida da geração seguinte. Sou filho, neto e sobrinho de mulheres que ganham e ganharam o pão de cada dia como empregadas domésticas. A elas a minha eterna gratidão.

Aos meus tios e tias que através de muito suor derramado também conseguiram construir uma nova realidade para a geração posterior, por me transmitirem os mais variados conhecimentos e qualidades e, na medida do possível, me ajudar nessa empreitada. Agradeço pela generosidade.

A minha amiga Thainá, que com o passar dos anos se tornou minha irmã, e ao meu compadre amigo-irmão Bruno e a nossa maior riqueza, a pequena Clara. Agradeço por terem me possibilitado essa emoção e responsabilidade de ser padrinho, obrigado.

A Maria Cañon, minha companheira, por todo amor, todo cuidado, e, sem dúvidas, por toda paciência e por renovar as esperanças em mim, todos os dias.

Aos meus amigos de velha data; Dudu, pela confiança e generosidade e ao Paulo Reis pelo visita amistosa e pela camaradagem.

As amizades de data mediana: Danilo Ramos pelo carinho, atenção, pela ideia certa e por ser uma grande referência de vida; Lais Oliveira e Tiago Martins, pelo carinho, companhia e pela generosidade de terem dividido alguns momentos fraternos por aqui.

A quem se solidarizou comigo desde os primeiros dias aqui e me deu moradia momentânea: agradeço a Camila Coradette e a Guilherme Marchi (Guiga) pela chegada e amparo inicial.

As amizades de pouca data e muita sintonia e histórias; Claudio Teotônio (Claudinho), por toda parceria e amizade que se desenrolou nesses anos compartilhando o dia a dia, sem dúvidas, um irmão camarada pra vida. Rubens

Williams e Gabriel Silva, mais duas amizades preciosas fundamentais para o cumprimento do meu compromisso. Agradeço também a Bruno Félix (Brunão) e Felipe Ortolan (Cavalinho), amigos que também pude partilhar o dia a dia.

Aos meus vizinhos da Vila C, da rua Rio de Janeiro, que sempre me estenderam a mão e fizeram com que me sentisse em um lugar seguro:

Jandir, Sandra e suas filhas, Assucena e Amarilis, agradeço por toda ajuda, solidariedade e por enriquecer os meus sentidos e produzir tantas belezas.

A meu grande amigo e parceiro musical que a vida me deu, também pela sensação do que é ter um avô, grande Seu Jairo e Dona Glória, obrigado por todas as tardes, todos os cafés, todas as canções entoadas e por não deixar o samba morrer.

Ao saudoso Seu Chico pela solidariedade, pelos causos e piadas contadas. Ao Mestre Nescau pela generosidade e solidariedade. Ao Nei e Família pela atenção e amizade.

Também agradeço as amizades das grandes figuras da Vila C e, principalmente, da rua Rio de Janeiro, que sempre garantiram boas histórias e boas risadas: Seu Valdomiro, Seu Ceará, Seu Jair, Nil, Valdir, e o artista Lucas Escalante.

Agradeço especialmente aos moradores da Vila C e ao lugar que foi palco de muitas alegrias, derrotas, vitórias, fracassos, e, principalmente, onde pude novamente reencontrar o amor em minha vida: o nosso querido Bar do Nei. Lugar vital para a integração cultural e popular latino-americana, mas que por ser um bar periférico não recebeu o mérito devido. Agradeço a Nei Scheineder, Natal Lima e Ulisses Duarte pelas horas de divertimento e lazer, mas também pela generosidade em partilhar momentos como os descritos acima.

Às amizades que teci por aqui e que, sem dúvidas, teria sido tudo mais difícil sem vocês:

Rubia (sem dúvidas, minha maior fã e incentivadora musical), Dâmaris, Yumi, Carol e Juliana, agradeço por toda paciência, atenção, cuidado e pelo que nos toca: o amor a música.

Agradeço grandemente ao grupo no qual pude dividir minhas ignorâncias sinceras e aprender a aprender. Grupo esse que foi e é fundamental para o exercício do estudo, reflexão compromissada e partilha sincera, principalmente aos esforços dispensados nesse momento de pandemia que estamos atravessando. Agradeço ao grupo *Saberes em Movimento*, especialmente alguns integrantes do presente e aqueles e aquelas que tiveram curta passagem ou que já alçaram outros voos: Stella Montiel, Ana Raquel, Fabio San, Dâmaris Starling, Livia Morales, Henrique Figueiredo, Nahayanna José, Sebastián Sarapura, Lourdes Bordais, Leonardo Silva, Danielle Sales, Olavo Júnior, Carlos Iandro, Aline Ogliari, Jonas Ribeiro, Romina Celona, Andreza Santanna, Flora, Ana, Ligia, Mari.

Agradeço também a outro grupo no qual pude aprender imensamente sobre o chão onde pisamos e pude testemunhar das façanhas e das belezas do povo trabalhador nessa região. Agradeço a Escola Popular de Planejamento da Cidade, especialmente a Professora Dra Patricia Zandonade, Lauri Acuña, Fernando Pires e Luiz Henrique. Agradeço por aprender tanto com vocês. De fato, é de um aprendizado enorme compartilhar momentos nos territórios descritos nesse trabalho com gente que acredita que o certo é o fazer coletivo. Docentes e estudantes que acreditam no desencastelamento do saber. Pessoas compromissadas com a Educação Popular e com a transformação da realidade.

Agradeço as grandes referências de estudo e de vida, duas professoras compromissadas com a classe trabalhadora e com a transformação social: a minha orientadora, Prof Dra Roberta Traspadini, e a Prof Dra Cecilia Angileli, agradeço por toda camaradagem, apreço e pelo conhecimento partilhado nessa trajetória. Para além da relação discente-docente, assumimos outro compromisso de grande valor que é o da amizade.

Agradeço a generosidade das amigas tecidas em todas as comunidades que pude ter o privilégio de conhecer e tentar somar de alguma maneira e que sempre me esperanças:

Da Cidade Nova: a nossa querida prefeita popular Elza Mendes; ao trabalhador das palavras escritas, faladas e rimadas, e grande garimpador sonoro Mano Zeu; ao Seu Zé e Família por todas trocas agradáveis.

Da Ocupação Bubas: especialmente a Rose e Dona Laurita, por toda atenção e por todos os cafés que pude ter a graça de tomar conversando sobre a vida, a luta e outros temas da cotidianidade.

Da Horta da Laide, agradeço imensamente a Dona Laide, a Maria Serrate, Dudu e Victoria e toda família que sempre me acolheram com muito carinho e alegria.

Da Ocupação Congonhas: especialmente a Fran e ao Claudinho por toda disposição, atenção e apreço.

Do Ile Ase Aju Ogun Funmilayo, agradeço especialmente a generosidade da saudosa Mãe Marina, Crica Galdino, Roberta Aureo, Ellen Santos, Mel Farias e Jhonatan Fernandes.

Do Acampamento Sebastião Camargo, agradeço especialmente a algumas amigadas que pude conhecer por lá: Ivones Brizola, Paulo, Saulo e Edna e a pequena Helo, Claudiane e seu filho Charles, Juliano Maia e Ivone, Tani e Thaynara, Solange e ao Everaldo Lopes.

Do Assentamento Chico Mendes, agradeço especialmente a Dilce Noronha, a Lucir Corassa e seu filho Ernesto. David Rocha e Família, Renato dos Santos e Família.

Do Acampamento Companheiro Tavares, agradeço ao Seu Ido pela generosidade e por ter abrigado em sua casa em uma ocasião da JURA de 2017.

Agradeço a Dona Rose por ter sido a pessoa que possibilitou a minha pessoa e outros estudantes a conhecer o Quilombo Apepú. Agradeço ao povo Avá-Guarani do Tekoha Ocoy por ter me recebido com muita paciência e generosidade.

Agradeço aos amigos da turma de História/América Latina de 2016, mas também de outras turmas e da licenciatura, pelas trocas, partilhas e pela ousadia de resistir aos trancos e barracos: Marcio Dias (Marcião), Thaynã

Pascini, Loudmia Amicia, Bárbara Lima, Marcela Marce, David Alache, Nkanade Ka, Ezequiel Nascimento, Raquel Souza, Tania Rodriguez, Gustavo Alves, Alba Salinas e Pablo Mestre.

Aos professores do curso, em especial: Jean Kakozi, Paulo Renato, Endrica Geraldo, Rosângela Silva, Pedro Afonso, Samuel Calderon, Gerson Ledezma.

Agradeço também a servidora técnica Patrícia Queiroz pela ajuda sempre oportuna e decisiva através do NIPPEI.

Gostaria de agradecer especialmente aquela categoria fundamental que sem seu trabalho seria inviável a atividade universitária, a existente e invisibilizada quarta categoria, a categoria de trabalhadoras e trabalhadores terceirizadas. Especialmente gostaria de agradecer aos motoristas Evaldo, Galé, Gilberto, Eduardo e Juarez. Às trabalhadoras da limpeza, na figura da Dona Edna, por toda alegria e apreço, além de Márcia Barbosa e Mari Schimdt. Da manutenção: seu Luiz Escolástico. Aos seguranças Roberto, Vanderlei, Seu João, Laercio, Deyvid, Rildomar, Claudinei e Cris.

Agradeço especialmente a Katiara Oliveira, Hosana Meira, Janaina Monteiro, Raquel Quintino, Josy Silv, Hellen Lucinda, Juliana Ferraz, Ivani Oliveira, Leticia Bezerra (Lela Graffiti), Talita Rocha, Jéssica Calvalcante, Glaucia Adriani, Cris Sabino, Gisele, Gonçalves, Jorge Jhoba, Emerson Ribeiro (Tana), Rodrigo Adão, Neri Silvestre, Ueder Silva (UDR), Márcio Farias, Ba Kimbuta, Edson Ikê, Weber Lopes, Deivison Faustino, Felipe Oliveira (Choco), André Santos e Leo Dias, a nossa grande escola popular Centro Cultural Dona Leonor, ao Samba de Terreiro de Mauá e ao Bloco Pega o Lenço e Vai. A vocês por serem referências e por partilhar tanto conhecimento e por me darem o prazer de ter amizade de vocês e por forjar esses espaços que nos dá sentido e embeleza a vida.

Agradeço a Luciara Ribeiro pela generosidade de ter concedido a minha pessoa, num passado não tão distante, a câmera fotográfica que me possibilitou cumprir essa tarefa.

Agradeço especialmente aos amigos Raul e Camila, Vanderlei e Marlene, pelos muitos encontros de muita alegria e afeto.

Agradeço especialmente a Carla Santos, Doug, Luciano, Robert, Sthepat Pierre, Abrahan Madrid, Lucy Emillen Darwin Soto, Wellington Lima, Mariana Guedes, Lais Helena, Seu Ivan, Alejandro, Bruno Montecristo, Victória, Joana, Professor Sebastião Gonçalves (Seu Tião), Seu Carlão, Dona Rita, Paulinha Cavalcante, Izabela Fernandes, Rodrigo Birck, Denise Rodrigues, Janaína Santana, a professora Angela Souza, Waldson Dias, Rosiel Cavalcante, Ruan, tantas outras amizades que fizeram e fazem a nossa caminhada por aqui ter sentido. Se por algum motivo deixei alguém de fora, foi por cansaço e peço desculpas desde já, mas, com certeza, você saberá o quanto faz parte disto e de muito mais ao longo de minha caminhada.

Agradeço ao Professor Dr. Paulo Humberto Porto Borges pela gentileza e pelos aportes para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço a quem partilhou comigo a estrada e principalmente viveu intensamente a estrada num transmuamba.

Agradeço pelos muitos encontros feitos nessa caminhada, a las amistades hechas con cada hijo e hija de nuestra Patria Grande. Hasta la Victoria Siempre! Muchisimas gracias. La lucha continua, Ubuntu!

COSTA DA SILVA, Paulo Roberto. **Visões do Desenvolvimento: Imagens (Re)veladas nas conflitividades na/da fronteira (2016-2019)**. 2021. 131 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo evidenciar através da fotografia o cotidiano em algumas comunidades que compõe Foz do Iguaçu e a região da faixa de fronteira. As comunidades foram: Ocupação Congonhas, Ocupação Bubas, Horta da Dona Laide, Favela do Monsenhor Guilherme, Bairro do Morumbi, Bairro da Cidade Nova em Foz do Iguaçu. Acampamento Sebastião Camargo, Comunidade Negra Quilombola Apepú, Território Indígena Avá-Guarani Tekoha Ocoy em São Miguel do Iguaçu e Assentamento Chico Mendes em Matelândia. Os registros foram realizados entre o ano de 2016 até 2019. Ao utilizarmos as fotografias como fontes históricas, portanto, capazes de nos subsidiarem na reflexão dialética sobre os sujeitos, ora sujeitados à exclusão, ora incluídos de forma violenta na dinâmica da superexploração da sua força de trabalho, no âmbito do capitalismo dependente, pautado no valor de troca sobre o valor de uso. O popular será tomado aqui como sujeito político, produtor de resistências e territorialidades em disputas, como diversidade negra, indígena e camponesa que conforma a classe trabalhadora do nosso tempo. As categorias conectoras referenciadoras e referenciadas pelas imagens são: História, Território, Fronteira, Trabalho e Popular. Por se tratar de uma região demarcada pela força do capital estatal da Itaipu Binacional e pelo setor turístico da cidade de Foz do Iguaçu, entendemos a centralidade de apresentar as histórias ocultas pela hegemônica história institucional que se quer consolidar como história oficial da região. Na contramão desses modelos de desenvolvimento, mulheres e homens, idosos e jovens e crianças lutam por melhores condições de vida e trabalho, insistem na produção da digna rabia.

Palavras-chave: História 1. Fronteira 2. Território 3. Popular 4. Ocupações 5.

COSTA DA SILVA, Paulo Roberto. **VISIONES DEL DESARROLLO: Imágenes (Re)veladas en los conflictos en la/de la frontera (2016-2019).** 2021. 131 f. Trabajo de Conclusión del Curso (Graduación en Historia/América Latina) – Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo principal evidenciar, a través de la fotografía del cotidiano de algunas comunidades que componen los territorios populares de Foz de Iguaçu y de la región de límite de frontera. Para esto se dió la centralidad en las imágenes de las comunidades: Ocupación Bubas, Ocupación Congonhas, Horta da Dona Laide, Favela do Monsenhor Guilherme, Barrio de Morumbi, Barrio de la Cidade Nova en Foz de Iguaçu, Acampamento Sebastião Camargo, Comunidade Negra Quilombola Apepu, Territorio Indígena Avá-Guarani Tekoha Oco'y en São Miguel do Iguaçu e Asentamiento Chico Mendes en Matelândia. Los registros se realizaron entre los años de 2016 a 2019. Las fotografías como fuentes históricas, portanto, capaces de auxiliarnos en la reflexión dialéctica sobre los sujetos en un momento excluidos y en el otro incluidos de forma violenta en la dinámica de la superexplotación de su fuerza de trabajo, ámbito del capitalismo dependiente, pautado en el valor de cambio sobre el valor de uso. El popular será tomado aquí como sujeto político, productor de resistencias y territorialidades en disputas como diversidad Negra, Indígena y Campesina que conforma la clase trabajadora de nuestro tiempo. Las categorías conectivas referenciadoras y referenciadas por las imágenes son: Historia, Fronteira, Territorio, Trabajo y Popular. Por tratarse de una región delimitada por la fuerza del capital estatal de la Itaipu Binacional y por el sector turístico de la ciudad de Foz de Iguaçu, entendemos la centralidad de presentar las historias ocultas por la historia hegemónica institucional que tiene como meta ser la historia oficial de la región. En la contramano de esos modelos de desarrollo, mujeres, hombres, ancianos(as), jóvenes y niños(as) luchan por mejores condiciones de vida y de trabajo y insisten en la producción de la digna rabia.

Palabras-claves: Historia 1. Territorio 2. Frontera 3. Popular 4. Ocupaciones 5.

COSTA DA SILVA, Paulo Roberto. **Techakuaa jekakuava**: Ta'ãnga hechaukava ñorairõ tetã rembe'ype. (2016-2019). 2021. 131f. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en História- América Latina) – Universidad Federal da Integración Latino-Americana, Foz do Iguazú, 2021.

Ñembombyky

Ko tembiapo oreko mba'erã ohechauka haguã, ta'ãnga rehehape umi eta tekohakuera, oikova territorio Foz de Iguazu-pe ha avei yvy pehenguê tetã apypegua, ñaikumby tembiasakue ñombohovái haguã, jua'õ. Óiko haguã, pe ja'évaekue ko tembiapo oñeapyte ta'ãnga tekohakuera: Ocupación Bubas-pe, Ocupación Congonhas-pe, Horta da Dona Laide-pe, Tavapy Morumbi-pe, Favela do Monsenhor Guilherme-pe, Tavapy Cidade Nova-pe, yvy Foz de Iguazu, Acampamento Acampamento Sebastião Camargo-pe, Comunidad Negra Quilombola Apepu, Territorio Indígena Avá-Guarani Tekoha Oco'y São Miguel do Iguazú pýpe há avei Assentamento Chico Mendes Matelandiame. Ta'ãngakuera ñe'ambéicha tembiasakue, ikatu upéicha ñande pytyvõ ñande py'amongeta avakuera ojeipe'ava há oñemongejeiva ysaja pochy kyre'y momba'aporeipe, capitalismo rendarehe, techaukarã tepy ñemboambue terã tepy jeipurupe. Pe jejaihu ko'ape oikota chugui avã tetã sambyhykuaa, ojapo'a ñemyrõ há yvy tetã mba'e ñemyro opaichagua kambaicha, tetaygua há campesina, moporã teko omba'apoa ñande ara agãgua. Umi chae mombe'u mojoapy ta'angarehe há'e: Tembiasakue, Yvy tetã mba'e, Teta rembe'y ,Mba'apo ha Ka'avõ. Oñe'ê rehe peteî tenda mohembe'y mbarete pipapirerehe teko Itaipu Binalcional-re, pehenguê ñekundaha rehe tavaguasu Foz de Yguazu, ñaikumbyta mba'e guasu jehechauka tembiasakue okañy'a, tembiasakue jeikuaava institucionalre, orekova hupytyha tembisakue mburuvichagui ouva, moñeko'õ rehe umi techapyra jekakuua, kuñakuera, kuimba'ekuéra, lekajakuera, mitarusukuéra ha mitãkuera oñeha'ã omoporãve hekokuera ha hembiapokuéra, oñeha'ã ojejapo heko yvateva remyrõ.

Ñe'ê mbotyha: Tembiasakue 1. Yvy tetã mba'e 2. Teta rembe'y 3. Jejaihu 4. Tembiapo 5.

LISTAS DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Minha base: Avó, Tia, Mãe.....	23
Fotografia 2 - FOTOGRAFIA-PONTE 01: Foz do Iguaçu	36
Fotografia 3 - Ponte Internacional da Amizade: Foz do Iguaçu - Ciudad del Este	37
Fotografia 4 - FOTOGRAFIA-PONTE 02: Foz do Iguaçu	44
Fotografia 5 - FOTOGRAFIA-PONTE 03: Foz do Iguaçu	44
Fotografia 6 - Território Indígena Avá-Guarani Tekoha Ocoy.....	49
Fotografia 7 - Território Indígena Avá-Guarani Tekoha Ocoy.....	51
Fotografia 8 - Comunidade Negra Quilombo Apepú	57
Fotografia 9 - Comunidade Negra Quilombo Apepú	58
Fotografia 10 - Acampamento Sebastião Camargo	62
Fotografia 11 - Acampamento Sebastião Camargo	63
Fotografia 12 - Assentamento Chico Mendes	65
Fotografia 13 - Assentamento Chico Mendes	66
Fotografia 14 - Ocupação Congonhas	70
Fotografia 15 - Ocupação Congonhas	71
Fotografia 16 - Ocupação Bupas	76
Fotografia 17 - Ocupação Bupas	77
Fotografia 18 - Favela Monsenhor Guilherme	80
Fotografia 19 - Favela Monsenhor Guilherme	81
Fotografia 20 - Horta da Laide	83
Fotografia 21 - Horta da Dona Laide	84
Fotografia 22 - Biblioteca Comunitária Cidade Nova Informa.....	87
Fotografia 23 - Dona Elza.....	88
Fotografia 24 - Yarlorisá Marina Tunirê	92
Fotografia 25 - Afoxé Ógún Funmilayó	93
Fotografia 26 - Ocupação Congonhas	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda Itaipu.....	39
Figura 2 - Dados da Ocupação Bupas.....	79

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa das Comunidades no Território	28
Mapa 2 - Mapa Guarani Continental	54
Mapa 3 - Mapa da População Negra e Comunidades Quilombolas no Estado do Paraná.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Empregadores	70
Tabela 2 - População Paranaense segundo cor/raça - 2010	102
Tabela 3 - Dados populacionais de Foz do Iguaçu (IBGE).....	102
Tabela 4 - Distribuição da população total e por cor/raça segundo mesorregião geográfica – Paraná – 2010	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDDL	Centro Cultural Dona Leonor
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EPPC	Escola Popular de Planejamento da Cidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
PDDIS	Plano de Diretor de Desenvolvimento Integral Sustentável
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Sumário

INTRODUÇÃO	22
1. A HISTÓRIA E AS CATEGORIAS ANALÍTICAS NO TERRITÓRIO CONFLITIVO DAS FRONTEIRAS.....	32
1.1. HISTÓRIA, FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS (APONTAMENTOS CATEGORIAIS)	32
2. IMAGENS E FRONTEIRAS	42
2.1. FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA (AS FOTOGRAFIAS-PONTES)	42
2.2. DO EQUIPAMENTO.....	49
2.3. AS IMAGENS DAS FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS (FOTOGRAFIAS-VIVAS) 50	
2.3.1. Comunidade Indígena	50
2.3.2. Comunidade Quilombola	58
2.3.3 – Assentamentos e acampamentos rurais (MST)	63
2.3.4. Ocupações Urbanas.....	71
2.3.5. Ocupação Bupas	77
2.3.6. Favela Monsenhor Guilherme.....	81
2.3.7. Horta da Dona Laide	84
2.3.8. Bairros Populares	88
3. FRONTEIRAS: DESENVOLVIMENTO, DEPENDÊNCIA E EXPROPRIAÇÕES ⁹⁸	
3.1. O TERRITÓRIO TRICONTINENTAL: UM RETRATO DA DEPENDÊNCIA.....	98
3.2. DAS FOTOGRAFIAS-PONTES ÀS FOTOGRAFIAS-VIVAS: A MEDIAÇÃO DA DEPENDÊNCIA COMO FRONTEIRA.....	104
3.3. AS FRONTEIRAS CANTADAS	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	120

*Foi no berço de Ângelo Kretã
Que aflorou como semente na terra
A união dos negros, mestiços e brancos...
Índios! Como num grito de guerra
Que se erguem por um novo amanhã*

*Sim
Foi no Brasil de Marçal Tupã
E de muitos Ângelos Kretãs
Que se uniram Manoéis da Conceição
Elisabetes Teixeiras, Krenakes e Tukanos...*

*É Paraná de boa gente
Que em seu seio acolheu
Que em seu rio de decência
Gente forte resolveu:
– Nunca mais a violência!*

*Paranauê! Paranauê!
Paraná!
Terra dos pinheirais
Os sem-terra – nunca mais!*

*Das cataratas – livres – do Iguaçu
Igarapés levam água a quem tem sede
A garapa a quem tem fome
RAONI – Guaíras a quem tem luta*

*Eta! Paraná...
Rio grande em guarani
Num lugar a reunir
Sindicalistas, políticos e a UNI.
Foram representantes do povo,
Da igreja, é uma vitória!...
Eta! Paraná...
Que entrou pra história!*

*Mas pra que isso acontecesse
Santinas, Linas e Marias
Tiveram assassinados seus maridos
Como o operário Santo Dias.*

*Foram muitas Aurélias
Durantis Irmãs guerreiras
Margaridas e Josimos
Que também vimos partir.*

*Trabalhadoras as mulé agora
Enfrentam jagunço fazendeiro
Ao pai, ao marido, ao irmão ladeiam
Pelos sem-terra, até a morte, guerreiam!...*

Eliane Potiguara

Fuera de Serie

A Mae

*Arrímese al radio y oiga las noticias
salga a la puerta y vea la calle
ahí donde sufre más mi pueblo.*

*Vaya al centro y mutile las ventas
callejeras
salpique la ventana del maniquí
y vea el sufrimiento, el sacrificio
el desgarró de la humanidad.*

*Hoy sí puede llorar;
sin pena, pues no es por mí.
Es por la indignación que late dentro de
su conciencia.*

*Ahora sí.
Soy su hija, su prima, su hermana,
su amiga y compañera.*

Amada Libertad

INTRODUÇÃO

O ponto de partida desse trabalho é fruto da curiosidade e da necessidade de entender algo sobre o lugar onde se pisa e vive: a busca e a construção coletiva do conhecimento, privilegiando o saber e a fala da classe trabalhadora na região estudada, a Região Trinacional (Brasil, Paraguai, Argentina) a partir da relação estabelecida da periférica Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), com a realidade de algumas comunidades tradicionais e populares de Foz do Iguaçu-PR e região, sendo estas: Ocupação Bubas, Ocupação Congonhas, Favela do Monsenhor Guilherme, Horta da Dona Laide, em Foz do Iguaçu; Acampamento Sebastião Camargo (MST), Aldeia Avá-Guarani Tekoha Ocoy e Comunidade Negra Quilombo Apepú, em São Miguel do Iguaçu; e Assentamento Chico Mendes (MST), em Matelândia. Todas essas comunidades se encontram na faixa de fronteira.¹

Vale destacar que, oriundo da região metropolitana de São Paulo, especificamente de Mauá², cidade que compõe a periferia do ABC Paulista³, cuja situação do mundo do trabalho é vinculada à construção urbano-industrial deste estado, ao longo do século XX, sempre gerou, no meu processo de reflexão, um sentido de pertencimento no lugar em que vivo, com os trabalhadores e as trabalhadoras que integram meu cotidiano seja de moradia, de luta, ou, e não menos importante, de trabalho e de convivência. O local onde se mora registra em si mesmo as potencialidades, ou não, de encontros com os produtores de vida do território. É, ele mesmo, uma primeira aproximação do

1Ver documento sobre faixa de fronteira: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-seguranca/seguranca-publica/senasp-1/anexo-iii-lista-municipios-faixa-de-fronteira.pdf/view>

2 Sobre a cidade de Mauá: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mau%C3%A1>

3 Sobre a região do grande ABC: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_do_Grande_ABC

simples-complexo encarnada na cotidianidade repleta de processualidade e historicidade.

A cultura e a educação popular presentes no território em que vivia e convivia foram forjando uma juventude ‘envolvida’, desde cedo. Situo: a participação em coletivos como o *Comunidade Viva*⁴, que foi bastante atuante entre os anos de 2013 e 2014 no maior bairro da cidade de Mauá, o Jardim Zaira⁵, o qual ofereceu oficinas de arte e trabalhou coletivamente elementos da cultura junto à comunidade e, principalmente, o papel do *Centro Cultural Dona Leonor (CCDL)*, espaço construído por trabalhadoras e trabalhadores, principalmente negros e negras, com intuito de promover a leitura e a formação política e também o direito ao lazer através de rodas de sambas, com a roda de samba Projeto Samba de Terreiro de Mauá⁶ e com o bloco de carnaval Pega O Lenço e Vai⁷ um espaço para ação e reflexão dos sujeitos para as contribuições da população negra e trabalhadora na e para sociedade brasileira. As relações de amizade, afeto e trabalho estabelecidas em ambos os espaços se deram a partir das manifestações de Junho de 2013, que foi um que propiciou a união de diversos sujeitos atuantes e militantes de diversos espaços culturais da cidade conjuntamente com os diversos saraus, como o *Sarau na Quebrada*⁸ na Vila Luzita – bairro periférico de Santo André – e o *Sarau de Fórum*⁹ que ocorria no espaço *Meninos e Meninas de Rua* de São Bernardo do Campo, um importante espaço em defesa do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

A cultura e a educação popular presentes no território em que vivia e convivia foi me forjando, particularmente situo a importância dos movimentos de

4 Página do Ateliê Livre Comunidade Viva:

<https://www.facebook.com/AtelieLivreComunidadeviva/>

5 <https://www.dgabc.com.br/Noticia/2150411/jardim-zaira-60-anos-de-historia>

6 Sobre o Projeto Samba de Terreiro de Mauá:

https://m.youtube.com/watch?v=lnBdhKiV_GA&t=78s

7 Sobre o Bloco Pega o Lenço e Vai: <https://m.youtube.com/watch?v=D9GIJeZ81yM>

8 Sobre o Sarau na Quebrada: <http://periferiaemmovimento.com.br/minha-primeira-vez-num-sarau-na-quebrada/>

9 Vídeo sobre o Sarau do Fórum: <https://m.youtube.com/watch?v=vlXY8s2AQpk>

rua, como o movimento punk¹⁰, na qual teve nos anos 80 uma grande participação nas manifestações da classe trabalhadora e tinha nos sindicatos oportunidade de expressar através da música suas ideias. Sendo partícipe dessa cultura no decorrer da primeira década do século XXI, pude fazer parte de alguns coletivos que se propunham a estudar coletivamente os cânones do anarquismo. A forma prática que essas ideias tomavam era de criar o espaço onde não tinham, sendo assim botando em prática a cultura do faça-você-mesmo na qual íamos criando uma cena conjuntamente com grupos de outras cenas como do Reggae e do Rap, formando assim uma grande cena contracultural ou *underground* na qual a riqueza - avessa a dimensão mercantil dada a esta, como acumulação de capital.

10 Documentário sobre movimento punk: <http://www.metodista.br/portaldejornalismo/a-historia-da-geracao-punk-rock-no-grande-abc/> e <http://www.editorabrasiliense.com.br/catalogo.php?id=407>

Fotografia 1 - Minha base: Avó, Tia, Mãe



Fonte: PAULO SILVA, 2018

O apreço pela educação e pelo estudo sempre estiveram presente em casa. Por mais que a situação fosse adversa, é inegável a centralidade que tiveram grandes mulheres trabalhadoras na minha formação (como minha mãe D. Teresa, minha tia D. Madalena e a minha avó D. Almerinda). Minha mãe e minha tia consolidaram os primeiros tijolos flexíveis do que seria, ao chegar na universidade pública em 2016, minha atuação e aprendizagem em outros territórios e suas territorialidades. Cabe destacar que o estado do Paraná sempre esteve presente nas memórias familiares, pois meus avós migraram, nos idos de 1960, da região central da Bahia à região norte do Paraná para trabalhar nas lavouras de café.

O território como espaço-tempo de encontros, entre os quais situo minha relação com alguns movimentos contraculturais e de rua, como o movimento punk, na qual entendíamos, já na primeira década do século XXI, que era

necessário estudar coletivamente para orientar a nossa prática e melhorar nossas ações. Vale frisar que as greves operárias dos 1970-1980¹¹ e a cultura sindical foram muito influentes, porém nos anos 1990 essa influência se perde consideravelmente devido às mudanças no mundo do trabalho advindas da ofensiva das políticas neoliberais¹².

Ingressar na universidade, algo jamais pensado para minha situação como jovem trabalhador, em um território, no início, absolutamente diferente daquele que vim, gerou muitas outras reflexões, a partir dos sentidos comuns existentes em tempos-espacos tão diferentes. O que Mauá-SP e Foz do Iguaçu-PR teriam em comum? Qual a história essencial, encoberta pela aparência dos processos, que pode fazer desses espaços-tempos tão distintos, formas de atuação tão próximas?

A angústia sobre não saber como atuar em um território aparentemente diferente foi dando espaço aos encontros dentro e fora da universidade. Para dentro, a participação orgânica desde 2016 no grupo de estudos e pesquisas *Saberes em Movimento: um encontro entre Paulo Freire, Augusto Boal e Ruy Mauro Marini na luta por terra e trabalho no Brasil* e no projeto de extensão *Escola Popular de Planejamento da Cidade (EPPC)*¹³ no ano de 2018 foram de suma importância para a escolha do tema da pesquisa. Cabe destacar que o encontro com estes dois espaços ocorreu por uma identidade política na luta em torno da organização da *Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA)* em 2016. Naquele então, alguns integrantes de diversas “tribos”, presentes em diferentes partes da América Latina e Caribe se viram, se conectaram e traçaram uma trajetória de vida juntos ao longo de todo esse tempo. Foi aí, numa primeira roda de conversas que a relação entre mim,

11 Alguns documentários sobre as greves do período citado: **ABC da Greve** - Leon Hirzman - <https://m.youtube.com/watch?v=2hhFk0cmI6Y>; **Linha de Montagem** - Renato Tapájos - <https://m.youtube.com/watch?v=3MuolDrapBE>.

12 Ver **O Novo Imperialismo**, David Harvey (2003), **A bolsa ou a vida – a dívida externa do Terceiro Mundo**, Eric Toussaint (2012) e **O Capitalismo Tardio**, Ernest Mandel (1982).

13 Sobre a Escola Popular : <https://paisagensperifericas.wordpress.com/>

Roberta Traspadini, Cecília Angileli e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região das muitas fronteiras, para além das três, ocorreu.

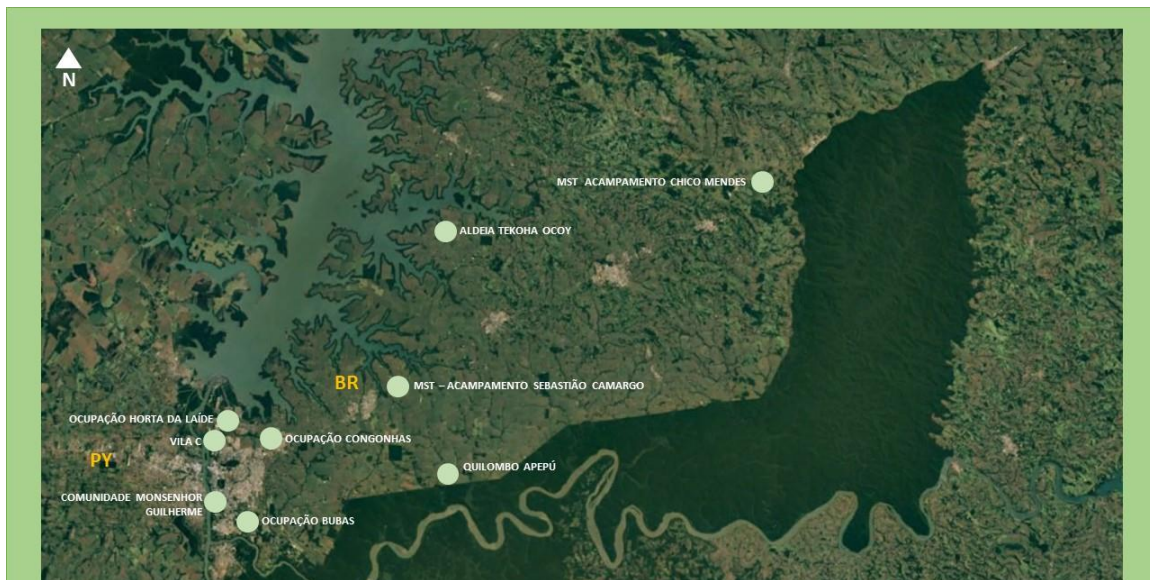
Nesta caminhada rumo a aprender com o papel da universidade, ainda mais sendo uma universidade periférica imersa na dinâmica hegemônica da Itaipu Binacional e do modelo de integração pensado a partir desta, naquilo que precisamos acumular (conhecimentos diversos e práxis) destacam-se nas práxis do grupo Saberes dois elementos-chave: primeiro, o acúmulo no estudo individual e coletivo de autores e temas relacionados à história, aos processos e contextos históricos em disputa no passado e no presente, a partir da conformação de autores que compõem o campo do pensamento crítico latino-americano e também de outros territórios periféricos (Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Ilich Lênin, Ernest Mandel, Silvia Federici, Franz Fanon, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Clóvis Moura, Carolina Maria de Jesus, José de Souza Martins, para situar alguns importantes referenciais); segundo, mas não menos importante, as atividades denominadas institucionalmente de campo, que para nós eram encontros de saberes, onde pudemos conviver, afinar relações e estabelecer processos para além do formal, nos acampamentos e assentamentos rurais Sebastião Camargo¹⁴ e Chico Mendes (MST), ambos na região circunvizinha de Foz do Iguaçu. Também cabe destacar a participação junto à diocese coordenada pelo Padre Sérgio Bertotti na construção da horta coletiva no ano de 2017 no bairro do Porto Meira.

Nesse sentido, o engajamento no território se faz como resultado de um estudo comprometido com entendimento da realidade para transformação, esteja onde estiver cada um dos integrantes do grupo, pois entendemos que o trabalho, o estudo, a práxis, envolvem o comprometimento com a resolução dos conflitos no lugar onde temporariamente se vive. Afinal, transitar, aprender, conviver e incidir são verbos com substantiva pertinência na luta social.

14Para saber mais: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/acampamento-sebastiao-camargo-da-continuidade-a-luta-de-trabalhador-sem-terra-assassinado/21645>

Minha participação na experiência da relação entre Arquitetura Popular e território, integrado a um grande campo da Universidade Estadual de São Paulo (USP) e na UNILA e coordenado pela professora Cecília Angileli, teve início no trabalho do diagnóstico sobre o número de pessoas residentes na ocupação Bubas no ano de 2016 e com o cadastro dos moradores a partir de seu perfil familiar e social. Foi uma experiência ímpar ouvi-los/as em suas demandas, reconhecer suas histórias narradas e silenciadas a partir de olhares que se perdiam por instantes no tempo das perguntas, ver seus rostos, suas mãos enquanto registrávamos os dados e criar, a partir dali, uma empatia na relação direta entre sujeito-sujeito em locais distintos naquela situação, mas oriundos dos mesmos problemas, foi formativo e dignificante. Como afirmou Ribeiro (*apud* Benjamin, 1996, p. 225) “Ler e ouvir o que os excluídos têm a dizer conduz a ‘escovar a história a contrapelo’”.

Mapa



Fonte: EPPC, 2021

A figura 01, produzida pela Escola Popular mostra a dimensão de uma cidade turística que, ainda quando não suporta, não consegue mais ocultar os contrastes que a dão vida e dimensionam a desigualdade real. Entre os rios habitam sujeitos que lutam por ser reconhecidos e ter reconhecidas suas demandas, direitos, por moradia, trabalho, saúde e educação. Entre a cidade turística habita uma realidade desigual expressa tanto nas diferenças de seus bairros, tais como a Vila A e a Vila C, como entre as zonas especulativas e seus tensionamentos oriundos das ocupações.

No entanto, em 2018, atuando como bolsista de extensão do projeto, a experiência na EPPC¹⁵ foi ainda mais intensa pela ampliação dos conflitos territoriais decorrentes da implantação de grandes projetos urbanos em áreas com grande concentração de favelas e ocupações, reforçando processos de gentrificação. Destacam-se nesse contexto, projetos como *Beira Foz*¹⁶,

15 Mais informações no blog: <https://paisagensperifericas.wordpress.com/>

16 Sobre mega - projetos: http://www.3c.arq.br/portfolio/049_brf/

*Reinventando Foz*¹⁷ e a segunda ponte de acesso ao Paraguai com sua perimetral. O território do Bubas é a maior ocupação urbana do estado do Paraná, chegando a ter no seu início, em 2013, cerca de 1200 famílias. É importante salientar que segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o registro populacional foi de 258.823 habitantes na cidade de Foz do Iguaçu. Mediante ao número expressivo de famílias na ocupação, a EPPC, atuante desde 2015, atua na promoção de atividades no território, como oficinas para organização, palestras, aulas e atividades culturais e também produção de relatórios no intuito de gerar cada vez mais o senso de comunidade e comunitário entre suas e seus moradores. Essa atividade serviu ainda mais para aproximar os laços entre a universidade e a comunidade.

Uma outra experiência foi com a Ocupação Congonhas ainda no primeiro semestre daquele ano. Cerca de 58 famílias ocupavam a área, após o juiz atuante no caso solicitar a mediação da EPPC nos conflitos que ocorriam neste território. Após os primeiros contatos, a tarefa dirigida a mim era registrar histórias de vida e auxiliar na produção de imagens que pudessem subsidiar um relatório, crucial para a comunidade, destinado ao juiz na audiência pública que determinaria como e quando seria a reintegração de posse. Devido ao trabalho empenhado, ficou definida a mediação da EPPC para auxiliar na organização da comunidade para transferência de área. Seis meses após a audiência, os moradores foram transferidos para o terreno ao lado da ocupação, onde desenharam de forma participativa seus lotes, e ganharam o direito à moradia. Desde então os encontros têm sido semanais, centrando esforços na consolidação dos laços e na redução dos conflitos.

Estas experiências, somadas à relação direta com as comunidades indígenas e quilombolas da região, que pude conhecer atuando junto com a EPPC em 2019, na Comunidade Negra Quilombo Apepu e Território Avá-Guarani Tekoha Ocoy, são a mostra do movimento efetivado pela universidade

17Sobre mega-projeto: <http://docplayer.com.br/193664093-Reinventando-foz-do-iguacu-projeto-basico-de-licitacao.html>

engajada no território das múltiplas fronteiras vivenciado a partir da experiência de viver a UNILA e compreender os movimentos intensos da relação capital-trabalho-Estado em Foz do Iguaçu.

Por fim destaco a relação que construí ao longo desses cinco anos com os homens, as mulheres e as crianças da Vila C, onde o sentido de vizinhança de fato se fez presente. Uma região da cidade que foi projetada para ser a moradia dos barrageiros que construíram a represa da usina de Itaipu, e que 30 anos depois acolhe ao lado destes trabalhadores, jovens estudantes de vários estados brasileiros e de toda a América Latina e Caribe.

Nesta vila consegui me estabelecer até o presente momento e, desde a minha chegada, a vizinhança sempre foi muito atenciosa e solidária. Destaco essa relação pois me integrando ao cotidiano da vila, passei a colocar o tema sobre a construção desta sempre que possível nas minhas conversas e interações com os moradores nos seus espaços de sociabilidade, sobretudo em um que me foi muito importante para sentir-me mais próximo e pertencente do lugar: o *Bar do Nei*. Foi possível através de trocas de ideias informais ouvir seus relatos principalmente sobre a construção da Itaipu – em grande parte os frequentadores desse bar eram moradores do bairro e também trabalhadores que trabalharam na obra ou tiveram familiares que trabalharam e chegaram a se aposentar pelas empresas terceirizadas que fizeram parte do consórcio de construção da hidrelétrica¹⁸. Sendo assim, foi um espaço fundamental para poder pensar e formular perguntas sobre os relatos que ouvi, o que permanece e o que também não aparece nas conversas informais.

18 “A obra civil do lado brasileiro ficou sob a responsabilidade do Consórcio UNICON - União de Construtoras Ltda, quando se reuniram cinco empresas brasileiras de engenharia, devido ao porte e complexidade da obra, atendendo os requisitos da licitação realizada pela Itaipu. Do lado paraguaio fizeram o mesmo processo de contratação, em que as empresas se organizaram através do Consórcio CONEMPA S.R.L. ambas utilizaram as instalações do “Canteiro Pioneiro”, para mobilização dos trabalhos” (MANARIN, 2008, p. 3). Em fase ulterior, participou também o “Consórcio ITAMON: A. Araújo S.A. Engenharia e Montagens, EBE – Empresa Brasileira de Engenharia S.A., Montreal Internacional, Sade – Sul-Americana de Engenharia S.A., Tenenge – Técnica Nacional de Engenharia S.A., Ultratec Engenharia S.A., Consórcio de Ingeniería Electromecânica S.A. – CIE” (MANARIN, 2008, p. 52). Ver também sobre o assunto o TCC de Eduardo Ueda, 2019.

Além desses caminhos, também busquei produções acadêmicas na qual pudesse ampliar as bases desse interesse inicial. Sendo assim, pude ter uma gama maior de elementos para entender o processo de construção da vila e seus sentidos para os sujeitos que fizeram parte dessa história.

Mais do que a personificação de minha história neste trabalho, o que quero evidenciar é que somos sujeitos políticos e fazemos escolhas de atuação onde quer que estejamos, ainda quando a violência estrutural do capital opere para nos impedir de atuar, dada a necessidade de venda de nossa força de trabalho para sobreviver. Nesse sentido, os encontros promovidos pelos grupos aos quais pertenço na UNILA, somados ao reconhecimento de nossa latino-americanidade viva na convivência com camaradas de diferentes partes da América Latina e Caribe, forjaram um sentido de pertencimento ao território que precisa ser entendido como produção material-simbólica de vida no plural como sujeitos coletivos. Os grupos Saberes e EPPC presentearam-me com muitos encontros, amadurecimentos, partidas e chegadas típicas de um processo temporal finito que é a vida universitária. No entanto, nos deram encontros para a vida. Estes grupos são uma mostra real de uma universidade pública em que cabe o *popular*, ao mesmo tempo em que, ao caber, nós a friccionamos para fazer ainda mais sentido no território.

O presente trabalho é, assim, a continuidade de uma trajetória de vida que entende a história como arma, como escreveu o historiador cubano Moreno Fraginals¹⁹ (1966), e como arma carregada de futuro, como nas palavras do poeta espanhol Gabriel Celaya²⁰ (1955). Para tanto, utilizaremos algumas fotografias produzidas ao longo das ações nos territórios pelos Grupos Saberes e EPPC, como forma-conteúdo de explicitação das mesmas como fontes

19Manuel Moreno Fraginals (1920-2001), historiador da História Econômica de Cuba https://www.ecured.cu/Manuel_Moreno_Fraginals.

20Rafael Gabriel Juan Múgica Celaya Leceta (1911 - 1991), poeta espanhol https://www.ecured.cu/Gabriel_Celaya.

históricas. As imagens, a nosso ver, representam fontes históricas uma vez que através delas

[...] é possível acessarmos um inventário de informações acerca de um determinado momento histórico, mas, estas informações somente serão codificadas através de uma metodologia correta e se vinculadas ideologicamente à sociedade de classes. A imagem somente servirá enquanto fonte se respondermos as seguintes perguntas: quem a produziu, a partir de qual classe social, de qual grupo cultural, para quem foi produzida e com quais intenções? A partir destas respostas o retrato fotográfico poderá ser decodificado historicamente (BORGES, s.d., s.p.).

Também utilizei de outra importante ferramenta na qual pude me aproximar e tecer vínculos de amizade, mas não só, pude sintetizar um pouco da minha experiência e também os relatos que ouvi nessas comunidades: a música – através da música, de ritmos populares, particularmente do samba e através do exercício de compor.

O trabalho está dividido em 3 partes: no capítulo 1 são trabalhadas as categorias fundamentais que nortearam esse trabalho; no capítulo 2, são apresentadas as fotografias que subsidiaram os elementos para a discussão proposta; no capítulo 3 são apresentadas composições sobre o cotidiano de luta em algumas comunidades com as quais aprendi ao longo deste período de vivência na fronteira. Por fim, as considerações finais, entendidas como caminho aberto para seguirmos na filosofia da práxis, portanto, caminhando.

1. A HISTÓRIA E AS CATEGORIAS ANALÍTICAS NO TERRITÓRIO CONFLITIVO DAS FRONTEIRAS

O objetivo desse capítulo é evidenciar as categorias analíticas que dimensionaram a análise proposta neste trabalho. São elas: História, fronteiras, territórios, sujeitos políticos da luta cotidiana.

1.1. HISTÓRIA, FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS (APONTAMENTOS CATEGORIAIS)

Neste trabalho, e na minha ação como sujeito político, entendo História como a ciência que estuda as ações humanas através do tempo – como escreveu Bloch (2002, p. 55) – e no espaço – como complementou Braudel e outros –, tendo como premissa de que a luta de classes é o motor da História, como asseverou Marx e Engels (2008, p.10) e corroborando com Ciro Flamarion Cardoso (1981) na sua elaboração da História como ciência em construção. O que pretendemos apresentar como fundamental nesse trabalho é que a História é feita por seres humanos vivos, reais e concretos e não por simples manejo de conceitos e categorias. Portanto, suas contradições emanam das mediações de primeira ordem vividas – no caso do modo de produção capitalista, proprietários privados dos meios de produção e não proprietários – e, somente posteriormente, interpretadas.

Se assumimos aqui a tese de que a História se disputa, tanto no campo da ciência como no campo da política, então a demarcação deste trabalho parte da centralidade da história originada pelas e desde as resistências, ontem e hoje, da classe trabalhadora. Esta que, responsável por produzir um modelo de desenvolvimento que a subsume, é capaz de encontrar brechas para a existência em meio às mais severas condições de exclusão e violência/barbárie. Por trabalho, à luz dos ensinamentos de Marx (2017), entendemos ser esse

processo ontológico do ser que se faz em sua relação com o meio (natureza) e os demais seres e que é responsável por uma processualidade contínua de refazer-se enquanto produz a existência material de seu tempo.

Nas palavras de Marx

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta à matéria natural com uma potência natural [*Naturmacht*]. Afim de se apropriar da matéria natural de forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade: seus braços, e pernas, cabeça e mãos (MARX, 2017, p. 255).

E segue Marx (2017) no que, a nosso ver, é também uma assertiva na definição de história captada à luz da centralidade da categoria trabalho:

O que diferencia as épocas econômicas não é “o que” é produzido, mas “como”, “com que meios de trabalho”. Estes não apenas fornecem uma medida do grau de desenvolvimento da força de trabalho, mas também indicam as condições sociais na quais se trabalha. Entre os próprios meios de trabalho, os de natureza mecânica, que formam o que podemos chamar de sistema de ossos e músculos da produção, oferecem características muito mais decisivas de uma época social de produção do que aqueles meios de produção que servem apenas de recipientes do objeto do trabalho e que podemos agrupar sob o nome de sistema vascular da produção. (MARX, 2017, p. 258).

Além do posicionamento sobre com que sentido político de história trabalhamos, inserimos o debate da fronteira, que, portanto, se vincula ao do território. Estas duas categorias, se entendidas na forma convencional de divisão setorial do conhecimento, pertencem à geografia tanto física como humana. No entanto, cabe, como historiadores, nos perguntarmos, se é possível o estudo da história sem a reflexão do espaço-tempo-lugar da efetivação dos fatos narrados. Para Milton Santos (2007)

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais, culturais, espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2007, p. 14).

Também o geógrafo e latino-americanista Porto-Gonçalves (2009) vai nesta linha ao afirmar que

[...] territorio es espacio apropiado, espacio hecho cosa propia, en definitiva, el territorio es instituido por sujetos y grupos sociales que se afirman por medio de él. Así, hay, siempre, territorio y territorialidad, o sea, procesos sociales de territorialización. En un mismo territorio hay, siempre, múltiples territorialidades. Sin embargo, el territorio tiende a naturalizar las relaciones sociales y de poder, pues se hace refugio, lugar donde cada cual se siente en casa, aunque en una sociedad dividida. (PORTO-GONÇALVES, 2009).

Congregado ao assunto, o antropólogo argentino Roberto Abínzano, discorre sobre a região de fronteira:

La región de frontera es un espacio arbitrariamente establecido – un modelo heurístico hecho de hipótesis a ser contrastadas – y los fenómenos que ocurren en su interior están protagonizados por agentes sociales organizados en sistemas socioculturales abiertos, entrópicos, dinámicos. Estamos desechando todo uso metafórico del concepto frontera. Hablamos de fronteras entre naciones estado. Y, por lo tanto, de fronteras que señalan como cicatrices cartográficas la obra del colonialismo y la geopolítica de la hegemonía mundial que tuteló el surgimiento de nuestros estados. La región como proyecto es el gran laboratorio de la integración con los pueblos en contacto muy diferente a la integración abstracta de los tratados y los flujos comerciales. Tiene la potencialidad de generar proyectos propios y de rechazar imposiciones indeseables. Nunca en la capacidad de generar un polo contra-hegemónico desde la región, pero si, creímos y creemos en las prácticas contra-hegemónicas múltiples algunas de las cuales provienen de enclaves regionales (ABÍNZANO, 2014, p. 172).

É no entendimento da relação dialética e dialógica entre História, Geografia, Economia, Política e Filosofia e Vida Cotidiana que estas áreas nos brindam a dimensão dialética da complexidade, processualidade e complementaridade. Pois, em Marx, o método é entendido como o caminho que

nos permite, partindo da aparência dos fenômenos, percorrer as perguntas que explicitem sua essência (MARX, 2015).

Na dialética do concreto, como sustenta Karel Kosik (1969, p. 9) são reveladas, no âmbito da pseudo-concreção, as conflitivas contradições vividas, ora percebidas de imediato, ora ocultas e necessárias de serem reveladas com vistas à superação da condição alienante a qual somos submetidos como classe. A educadora popular de *Pañuelos en Rebeldia*²¹, a argentina Claudia Korol²², reforça o papel da memória para a história dos territórios destruídos. Na América do Sul forjada pelo capital habitam muitas histórias e memórias soterradas, apagadas, sedentas por serem contadas. Há assim a necessidade de destruição de muros epistêmicos, na história, para o reavivar político da cotidianidade, ao longo do tempo, das resistências. Nas palavras de Korol (2008):

pensar el sur de América desde la Triple Frontera puede invitarnos entonces a construir metáforas que guardan diversas memorias y crean distintos sentidos. Memorias y sentidos: los gestos rebeldes de los pueblos guaraníes que no reconocieron la noción de “frontera” impuesta por la colonización española y portuguesa, que delimitó sus territorios -con la bendición del Papa-, de manera tal que la gente que los habitaba quedaba subordinada a una u otra dominación. Pueblos que tampoco reconocieron como propia la frontera impuesta por los “Estados nacionales” nacidos de los procesos independentistas dos siglos atrás, que los siguieron negando como pueblos. Memorias y sentidos que nacen del mestizaje cultural: aquellas fronteras que no se inscriben estrictamente en la disputa de territorios, sino en los esfuerzos de creación de soberanía popular en los mismos (KOROL, 2008, p. 12).

Somente o ser humano em sua condição ontocriativa é capaz de nominar, recriar e dar sentido político concreto às pontes e aos muros. No caso da invasão colonial, não foi nem por pontes, nem por muros de concreto que ocorreu a expropriação do território e dos povos da América e da África. Foi por

21 Sobre o movimento: <https://vocesenlucha.com/2016/02/27/panuelos-en-rebeldia/>.

22 Claudia Korol é militante feminista e educadora popular argentina. Para saber mais: <https://www.semillas.org.co/es/publicaciones/somos-tierra-semilla-rebeld>.

mares e oceanos, pontes projetadas desde uma estrutura lógica de poder sobre a destruição do outro, numa política real de guerras territoriais (TRASPADINI, 2006). As navegações trouxeram para o Atlântico o que até então se disputava no Mediterrâneo. A busca comercial, em contínua posição estratégica de manutenção histórica de guerra de domínios, mesmo na transição mercantil, das Índias, e a chegada à então denominada América Latina, gerou o inusitado encontro exploratório sobre as Américas no período da transição (do feudalismo para o capitalismo). Segue a autora:

[...] mas o que as torna invisíveis na história, sendo tão reais ainda hoje? Que tipo de pontes e muros foram erguidos na América Latina - entre o passado colonial e o presente - capazes de manter soterrada a história viva do continente? Pois, ainda que as pirâmides, as cidades pré-hispânicas, as culturas milenares presentes nas vidas de nossos povos, seja real, a cotidianidade ideológica hegemônica tende, intencionalmente, a apresentá-las como "inexistente" e "inferior" (TRASPADINI, 2006, p.33).

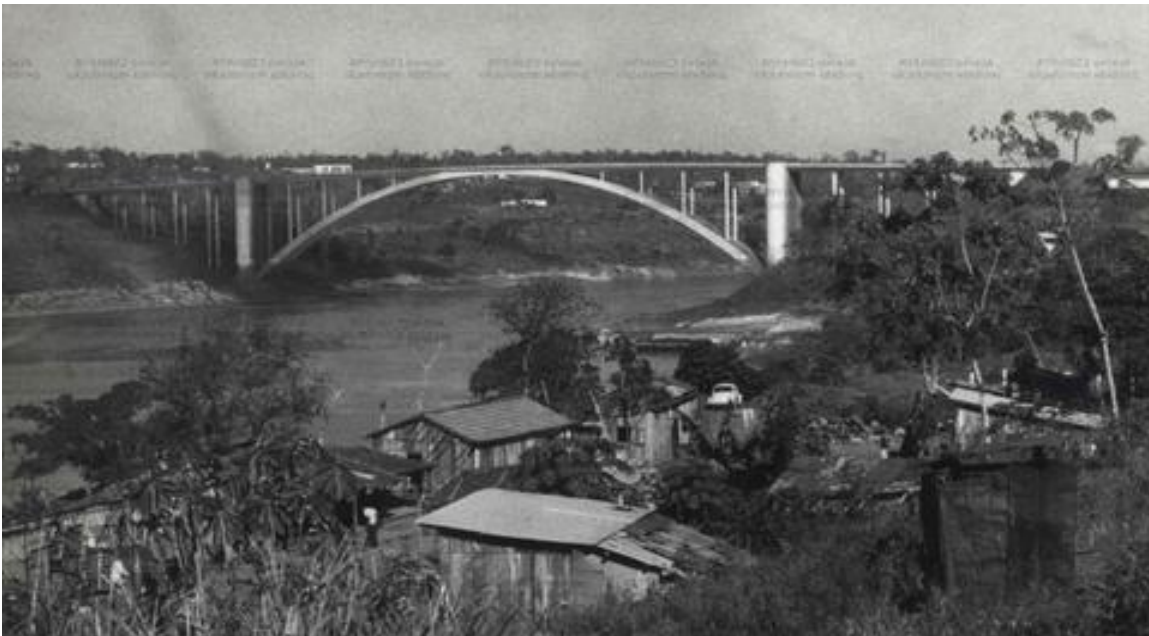
Além do entroncamento entre os diversos campos do conhecimento científico, entendo como necessária a vinculação direta, no entendimento da história como disputa e conflitividade, com outras formas-conteúdos de aproximação ao real, ao menos em fragmentos potenciado para a reflexão. Nesse sentido, a estética, a cultura, a arte populares dão uma dimensão, assim como a fotografia, de como operam as resistências nos territórios, no espaço-tempo do real vivido, que fogem à esfera formal da história oficial. É desse entendimento que também nos parece necessário insistir no papel da fotografia e outras fontes como constitutivos do posicionamento político sobre a história.

Da fusão entre o ser mercantil e o ser rebelde que habitam os sujeitos que conformam a classe trabalhadora, tomaremos o popular como o sujeito político de uma dupla determinação: produtores da história oficial, condicionados à mercantilização da vida e, ao mesmo tempo, produtores da revanche, da resistência, dos gritos que não podem ser silenciados através da arte. O popular será aqui entendido como a produção de territorialidade da classe trabalhadora

em meio à dominação mercantil. No popular habitam os povos indígenas, os povos africanos condicionados à escravidão na América, os povos camponeses e a diversidade dos trabalhadores formais e informais que compõem a classe trabalhadora do nosso tempo. O popular como sujeito político da ação alienante e de seu contraponto desalienador.

No entrelaçamento entre História, Trabalho e Popular, podemos nos perguntar: o que uma imagem fotográfica de um período histórico, um lugar concreto, nos diz? Que relação há entre o processo, o sujeito fotografado, como momento, instante, e a leitura de mundo do/a fotógrafo/a? Que mediações se apresentam da relação entre o ato fotográfico, a fotografia e o olhar de quem vê a imagem posterior à revelação? Na fotografia 1, de 1978, feita por Alberto Viana, vemos muitos processos: vemos a ocupação humana da encosta e barranca do rio Paraná, um contraste entre um momento de concreto armado ao fundo e moradias feitas com diferentes produtos de madeira.

Fotografia



Fonte: ACERVO PERSEU ABRAMO, ALBERTO VIANA, 1978

Uma mesma imagem, 39 anos depois, feita por mim, evidencia algumas mudanças substantivas. Esse registro foi feito em uma atividade de campo conjunta da EPPC com o grupo Saberes. A atividade consistia em ir em alguns pontos da cidade nos quais são estratégicos como territórios especulativos e de futuros empreendimentos para os megaprojetos em andamento na cidade. Cabe destaque que apenas tive ciência da fotografia anterior há uns dois anos de tirada a minha.

O registro foi feito mais ou menos na mesma localidade, é possível constatar que a comunidade evidenciada na primeira foto já não existe mais naquele lugar, nos dando a possibilidade de pensar como foi o desfecho dessa comunidade.

Fotografia 3 - Ponte Internacional da Amizade: Foz do Iguaçu - Ciudad del Este

Fonte: PAULO SILVA, 2017



A fotografia como fonte histórica nos permite ir além do visto ao fazermos perguntas sobre o vivido naquele tempo, à luz das contradições ainda presentes no nosso viver. Eduardo Galeano, em *Ser como ellos y otros artículos* (2000), ao analisar as fotografias de Sebastião Salgado sobre a condição miserável a que o humano proprietário privado da vida condiciona os demais seres, donos somente de seus corpos a serem submetidos à venda, ou à escravidão em pleno século XXI, sustenta que Salgado, ao fazer uma opção política, fotografa pessoas e não fantasmas como sucede com os fotógrafos da sociedade de consumo. Estes, se aproximam a ver o mundo tal qual ele é, mas não entram. Nas palavras de Galeano²³,

[...] la cámara de Salgado se acerca y revela la luz de la vida humana, con trágica intensidad o triste dulzura. Una mano se acerca, desde ninguna parte, y se ofrece, abierta, al minero que sube la cuesta aplastado por la carga. Esa mano se parece a la mano que toca al primer hombre, y tocándolo lo funda, en el célebre fresco de Miguel Ángel. El minero, que viaja a lo alto de la Sierra Pelada o el Gólgota, se apoya en una cruz y descansa (GALEANO, 2000, p.64).

O escritor nos sugere elementos para o enriquecimento da leitura da fotografia, evidenciando a possível premeditação do fotógrafo no momento do registro e que nos remete aos referentes culturais de Salgado, valendo a assertiva de que, quem fotografa, não só fotografa com sua câmera, mas sim também com sua cultura.

Foz do Iguaçu na década de 1970 pode ser dividida em dois momentos históricos: um anterior e outro posterior à construção de Itaipu. Com a sua chegada e sentido de desenvolvimento a cidade torna-se um grande canteiro de obras e, posteriormente, passa a ter o poder de configurar e estabelecer seus

23Referência ao livro **Trabalhadores: Uma Arqueologia da Era Industrial**, Sebastião Salgado (1996). Ver foto referida: https://exame.com/wp-content/uploads/2019/07/crc3a9dito_sebastic3a3o-salgado-5.jpg?quality=70&strip=info&resize=680,453

interesses no território, organizando as novas paisagens na construção midiática das futuras imagens sobre a cidade.

A rota do espetáculo estabelecida pelo eixo Cataratas-Hidrelétrica não pode trazer no caminho as mazelas produzidas ao longo de sua suposta dimensão de desenvolvimento. Pelo contrário, necessita ocultá-las, destruir no processo da paisagem/passagem turística, uma imagem aparente discrepante das desigualdades estruturais reais, inerentes a este território.

Figura 1 - Propaganda Itaipu



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/82824080618506660/>

Através dessa imagem publicada no jornal *O Estado do Paraná* em 1982 podemos ver o jogo de palavras possíveis dessa propaganda. Uma imagem cuja paisagem apresentada não leva em consideração o alagamento, seu impacto sobre as comunidades camponesas e indígenas da região e estabelece uma nova dimensão de fronteira (nacional), desenvolvimentista, que submerge a história vivida pelos povos da região.

Da década de 1970 à atualidade, a binacional Itaipu revela os interesses de classe por trás dos modelos de desenvolvimento. Investe nos negócios à

custa do não direito ao território e à vida dos povos que antes tinham autonomia na região. Conhecedores, protetores e multiplicadores de um modo de produção que tomava em conta a riqueza ambiental e sua incorporação a um ambiente sem a intenção de destruição, as comunidades indígenas-guaranis aparecem, na atualidade, como demandantes de um direito que sempre lhe foi seu como povos primeiros na construção de sua ontologia no território. Itaipu é, assim, um braço na região, de aniquilamento dos povos originários. Itaipu é o Estado brasileiro, tanto na coerção como no consenso.

Movimentar a reflexão para a substância oculta das imagens oficiais e revelar as imagens cotidianas reais de um povo que resiste, insiste no direito à terra, à vida e à dignidade, é um dos objetivos deste trabalho; apresentar olhares, denunciar violências, anunciar possibilidades reflexivas para um novo devir.

2. IMAGENS E FRONTEIRAS

O objetivo deste capítulo é apresentar a movimentação pelo território da Tríplice Fronteira no período de 2016-2019, momento de muitos encontros com movimentos sociais de resistências da região. Entre camponeses, quilombolas, indígenas, sujeitos políticos das ocupações do campo e da cidade e trabalhadores residentes das vilas operárias da região, as imagens captam parte da cotidianidade de resistência e convívio destes sujeitos.

2.1. FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA (AS FOTOGRAFIAS-PONTES)

Em um artigo para o jornal *Folha de São Paulo* escrito por Ariano Suassuna em 1999 denominado *A Favela e o Arraia*²⁴, o ilustre intelectual pernambucano retomava uma reflexão atribuída ao genial escritor Machado de Assis, encontrada no livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, escrito por Alfredo Bosi. Machado, em uma polêmica de seu tempo dizia: “Não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco”. Suassuna corrobora com a reflexão e a atualiza: “Se Machado de Assis fosse vivo, notaria que hoje o Brasil real continua a ser o do povo e a revelar-se bom, dotado dos melhores instintos; e o Brasil oficial (que é o país "do real e do mercado") continua caricato e grotesco” (SUASSUNA, 1999, s.p.).

Partindo dessa reflexão machadiana publicada por Bosi e retomada por Suassuna, uma das propostas desse trabalho também é trazer alguns elementos para sustentar a hipótese de que existe uma Foz do Iguaçu oficial, espetacularizada, mercantilizada e uma outra Foz do Iguaçu que é vivida pelos sujeitos diversos que compõem a classe trabalhadora.

24 Para acessar o artigo: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz27049907.htm>

ANGILELI (2010), a partir da experiência da luta pelo direito à cidade nas grandes periferias de São Paulo, e uma referência no papel da universidade pública no território ao insistir que é necessário posicionar-se, insiste na leitura de que a diversidade é o que compõe essas fronteiras. Nas palavras de ANGILELI

Cada periferia, cada favela, cada loteamento irregular, ou clandestino, de um modo geral, tem graves problemas de infra-estruturas e serviços, além de violências, mas não são características que definem esses lugares, não é só por esses aspectos que se interpreta a realidade de uma periferia, que são muitas e diversas. (ANGILELI, 2010, p.10).

A história é também um campo de disputas de narrativas. E, se entendidas no marco da relação capital-trabalho, anunciam e denunciam posturas de hegemonia e contra-hegemonia. Por exemplo, enquanto no marco da produção histórica do saqueio de terras e da mercantilização da vida – que passa pela escravização de povos originários da América e da África (invasão colonial) – o capital, através do Estado de Direito que maneja, entenderá como invasão toda ruptura de cerca ou ocupação da propriedade privada formalmente definida como de alguém em fontes duvidáveis de legalidade e legitimidade. Em contrapartida, os movimentos sociais e políticos que lutam pelo direito à terra, à moradia, à dignidade entendem como ocupação a legítima ação de utilizar com sentido social, aquilo que é utilizado (mesmo como fonte especulativa) para render altas taxas médias de lucro. Nas palavras do sociólogo José de Souza Martins

Na minha interpretação, nesse conflito, **a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade** (grifo do autor). É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e

visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História (MARTINS, 2009, p.133 – grifo do autor).

O historiador Emilio Gonzalez (2005) qualifica nosso entendimento sobre o assunto da seguinte forma:

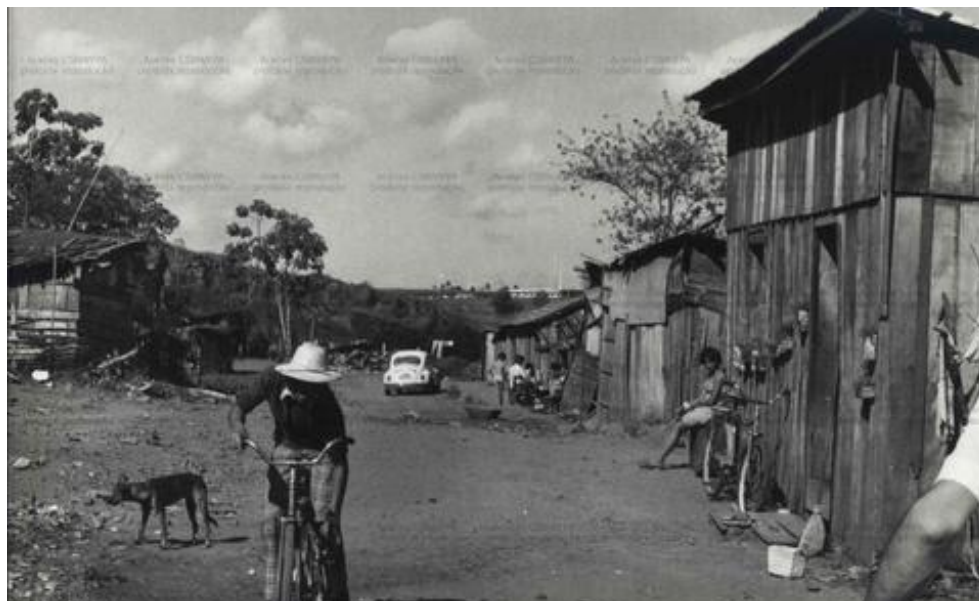
A questão a qual podemos nos colocar é a seguinte: mesmo que as atitudes levadas a cabo por esses moradores (como a ocupação de forma desordenada de áreas urbanas) não sejam arquitetadas a partir de associações oficiais de classe (partido, sindicato, movimento sociais, etc.), elas também trazem, em seu bojo, uma perspectiva de transformação da realidade social. Sem dúvida, não se trata de uma perspectiva revolucionária que tenha como foco a tomada efetiva do Estado e a derrubada da burguesia. Ela pauta transformações no cotidiano para melhor ajustá-lo às necessidades mais imediatas desses movimentos, como a questão da moradia. Por isso, mesmo que essas ações inicialmente pareçam meramente reparadoras, paliativas e até insignificantes, são capazes de produzir, a longo prazo, estragos irreparáveis na imagem de cidade idealizada pela classe dominante (GONZALEZ, 2005, p. 19).

E ainda:

É também a partir desses espaços que esses trabalhadores produzem e inscrevem sua memória na cidade. É ali que novas noções sobre sua condição de sujeitos interventores no espaço urbano foram (e vêm) sendo construídas, impulsionadas seja pela solução imediata e emergencial de suas necessidades infra-estruturais básicas (como moradia, saneamento, escola e trabalho), seja pela construção de uma consciência política (organizada coletivamente ou não, no ato da ocupação, ou mesmo na luta por melhorias no bairro), na qual solidificam e percebem sua condição de “pertencimento” a uma classe ou grupo social (GONZALEZ, 2005, p. 20).

Fotografia

Fonte: ACERVO PERSEU ABRAMO, Alberto Viana, 1978

Fotografia

Fonte: ACERVO PERSEU ABRAMO, Alberto Viana, 1978

As três fotografias²⁵ do fotógrafo paranaense Alberto Viana²⁶ feitas do ano 1978 para o Jornal *Em Tempo*²⁷ serão a nossa conexão com um passado não distante, no que denominaremos como nossas *fotografias-ponte*. Através destes registros é possível vermos fragmentos do cotidiano de uma favela na encosta do Rio Paraná, muito próxima da Ponte Internacional da Amizade (que liga Foz do Iguaçu a Ciudad del Este, no Paraguai).

Primeiramente, a pergunta que me vem à cabeça diz respeito aos sujeitos da ocupação, dessas formas periferizadas de moradias: qual seria o nome que seus moradores deram a essa comunidade? Podemos pensar posteriormente quais as histórias de vida dos moradores que conformam essa comunidade? As ilusões e promessas feitas de mudanças e melhorias mediante a execução de vários megaprojetos. Podemos pensar ainda nas resistências para permanecer no local e que possivelmente os moradores dessa comunidade podem ter sido despejados violentamente e remanejados para outro lugar da cidade para comporem um novo bairro em alguma parte periferizada da cidade.

Somente essas fotografias e suas legendas não são capazes de nos dar esses elementos, mas esses três retratos feitos num 1º de maio por Alberto Viana, após não ter conseguido fotografar dentro da Itaipu, nos possibilita pensarmos essas questões. Ou seja, ir além do fotografado. Claro que devemos ter em conta que a intenção da publicação dessas fotografias em um jornal contra-hegemônico como o *Em Tempo* tinha o caráter de denúncia da precariedade de vida dessa comunidade, justamente pela inclinação política do referido jornal e de anúncio das histórias de resistências e sobrevivências.

Através das fotos-cânones oficiais que são difundidas por algumas revistas e portais da cidade na produção de uma memória institucional-empresarial-oficial da cidade, as imagens geralmente apresentam os símbolos

25 Ter encontrado essas fotografias no Acervo Perseu Abramo foi de grande valia para que possamos desenvolver o tema proposto por esse trabalho

26 Alberto Melo Viana, fotógrafo <http://www.fotoplus.com/duas/?tag=alberto-melo-viana>

27 Sobre o Jornal em Tempo: <https://democraciasocialista.org.br/30-anos-de-em-tempo/>

do projeto de desenvolvimento vencedor; fotos dos grandes hotéis e posteriormente das grandes obras.

Mas porque começar este capítulo com imagens de um tempo-espço concreto do Brasil? Uma região de múltiplas fronteiras materiais e subjetivas? O que exige refletir sobre o processo histórico de utilização das imagens como anexos finais dos trabalhos. O que as três imagens apresentadas até o momento sobre Foz do Iguaçu mostram a quem as vê, antes mesmo de tratarmos os elementos constitutivos de sua composição? Não são as mesmas, fontes centrais de uma reflexão sobre o desconhecido, o não perguntado, o não visto e o não vivido?

Há uma intencionalidade à luz da disputa da história e suas narrativas: a de tencionar as verdades oficiais e de potencializar, na forma de perguntas que nos remetam a outros tempos, a partir do nosso, às questões materiais, concretas, que compõem o todo não captado pelo fragmento fotográfico. A parte captada, ao ser estudada como fonte histórica, é complementada por outras fontes, outros conhecimentos e põe em evidencia muitos reconhecimentos territoriais negados pela ordem oficial.

Daniela Palma no artigo “Um olhar de classe: a experiência da fotografia operária na Alemanha de Weimar” (2008) referencia algumas revistas que se utilizavam da fotografia como arma para denúncia das condições de vida e para fortalecer a identidade de classe das realidades conflitivas retratadas. Sendo assim, através do livro do historiador Olivier Lugon ela traz o seguinte apontamento do político alemão Edwin Hoernle²⁸ em um artigo para revista *Arbeiter-Fotograf* em 1930 chamado “Os olhos dos operários” e cita que “[...] o olhar era mais uma experiência cultural do que física (*apud* PALMA, 2008, p.117) e complementa com Lugon com citando Hornele

Quando o industrial alemão faz uma viagem à América, o que você acha que seu olho físico vê? As fábricas da Ford em Detroit, os abatedouros em Chicago, os guindastes da Standard Oil, a Casa Branca do

28Edwin Hornele, político do Partido Comunista Alemão – <https://www.rosalux.de/stiftung/historisches-zentrum/rosa-luxemburg/edwin-hoernle-1>

presidente em Washington, a Quinta Avenida em Nova York – mas, acredite você, que o olho desse capitalista alemão recusa (..) ver as silhuetas famélicas de seis milhões de desempregados, os corpos espoliados e definhados em menos de quarenta anos de trabalho na Ford, as minúsculas crianças anêmicas que, aos sete anos, tem sua saúde arruinada por trabalhar na indústria têxtil (...) a miséria material e espiritual nos bairros negros do célebre Estado do linchamento, o Texas, ou mesmo as brutalidades sangrentas da polícia nacional, vendida, corrompida e lançada contra os trabalhadores em greve (Lugon, 1997: 288) (Lugon *apud* PALMA, 2008, p.117).

Na mesma linha de trabalho e reiterando o papel da fotografia como fonte histórica, a historiadora Maria Ciavatta nos aponta:

O uso da fotografia na área de pesquisa sobre trabalho e educação, marcada pelos estudos baseados na história e na crítica à economia política, contribui para o alargamento da visão sobre o que denominamos o mundo do trabalho, o que entendemos como o trabalho livre e os trabalhadores urbanos, a formação profissional, o ambiente e as relações de trabalho, as condições de vida, as lutas de emancipação e a identidade de classe dos trabalhadores (CIAVATTA, 2012, p.24)

Também nos tributa sobre essa discussão Jonh Mraz trazendo uma diferenciação entre usos da fotografia como fonte para História:

¿Qué aportan los historiadores al análisis de las fotografías? ¿Hasta qué punto hay que enfocarse en la cuestión de la representación y hasta qué punto en lo representado? Si buscamos analizar las materialidades del pasado, utilizar la fotografía como si fueran de algún modo “transparentes” para recoger detalles de la vida diaria, las relaciones sociales, las mentalidades y la cultura popular de “rastros” preservados del pasado que han sobrevivido debido a la capacidad de los fotógrafos de funcionar como indicadores de “lo-que-ha-sido”, yo llamaría a eso hacer historia con fotografías, y creo que tiene una afinidad con la historia social. Si, por el contrario, nuestro interés fuera “descifrar el significado” de una fotografía, sabiendo quién la tomó y con una noción de con qué intención lo hizo —y analizando los modos en que refleja la mentalidad de la época en que se tomó, sus influencias estéticas, su aparición y reaparición en los medios, dándole distintos significados— estamos hablando de historias de la fotografía, que creo es una forma de historia cultural (MRAZ, 2018, p.18).

Outra referência importante neste tema é Borges quem qualifica a questão sobre a fotografia:

Toda e qualquer imagem fotográfica possui uma historicidade essencial, que aflora mais ou menos força de acordo com a pergunta formulada. E, considerando, que todo "acontecimento" é potencialmente histórico,

dependendo, novamente, das perguntas a serem feitas pelo pesquisador, afirmo que toda fotografia, assim como os acontecimentos que estas registram - ao contrário de apontarem para um passado inacessível - são potencialmente históricas e levam os sinais e os rastros de seu tempo. A despeito de sua técnica, toda fotografia carrega uma intensa humanidade, e apesar dos procedimentos técnicos e mecânicos, toda imagem fotográfica é passível de interpretação e leitura (BORGES, s.d., s.p.).

Esses apontamentos nos servem para subsidiar a discussão trabalhada no capítulo seguinte.

2.2. DO EQUIPAMENTO

Vale destacar algumas questões da ordem da técnica que permeiam esse trabalho. A primeira elucidação parte justamente de até eu ter em mãos o equipamento que foi possível realizar esses registros que são aqui trabalhados, expondo que minha familiaridade com equipamentos amadores e profissionais do tipo digital era bem próxima a zero.

Após ter recebido o equipamento em mãos – uma câmera Canon T3, uma lente de 50mm e uma lente de 75-300mm – muitas curiosidades e dúvidas surgiram, com as quais fui aprendendo na prática a manejar o equipamento e dele extraindo suas funções.

Sendo assim creio que seja importante ter isso em conta porque não tinha a pretensão anterior de ser fotógrafo profissional, justamente por minha situação financeira limitada e sabendo que os custos para manutenção e aquisição de novos aparatos custam caro para realidade da classe trabalhadora.

Após ter recebido o equipamento em mãos, o aprendizado de forma autodidata me nasceu o desejo de ser ao menos amador. Somente no ano de 2019 pude participar de alguns encontros em forma de oficina com o fotógrafo Rogério Ferrari²⁹ nos quais muito me aportou sobre o papel da fotografia nas lutas sociais e subsídios de ordem técnica.

Isso posto, significa dizer inicialmente que segui a premissa de que o equipamento trilhou um percurso não-mercantil, uma vez que chegou em minhas

29 Para conhecer: <https://rogerioferrari.wordpress.com/>

mãos de uma forma solidária, sendo a melhor maneira de fazer jus a tal ato colocando esse equipamento e suas potencialidades a serviço das causas justas dos múltiplos sujeitos que compõe a classe trabalhadora.

2.3. AS IMAGENS DAS FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS (FOTOGRAFIAS-VIVAS)

*O conhecimento que provém da leitura
Precisa da vida se revelar*

Edvaldo Santana

Abaixo o aquífero guarani seguindo seu ritmo e rumo latinoamericano. Sob os pés a terra guarani, roubada, usurpada, degradada por usinas e plantações de soja transgênica. Nos corações a subjetividade da luta e um

querer silencioso e silenciado, que explodirá como vulcão adormecido lançando suas lavas incandescentes carbonizando a todos que intentem contra nossa ancestralidade.

Mano Zeu³⁰

As imagens a seguir expressam um pouco do território em disputa e, dentro delas, as diferentes mas desconhecidas histórias dos “invisíveis” que cotidianamente fazem parte de forma orgânica da cidade. Para os visitantes, de passagem, cujo sentido de seu olhar é dirigido pelos que protagonizam o turismo de negócios, ou como negócio, esses espaços-tempos-sujeitos de vida dos indivíduos sequer existem.

³⁰Trabalhador da palavra falada e escrita e DJ em terras iguaçuenses, diretamente do bairro Cidade Nova. Trecho do *Contos da Fronteira: Acá es Así*. Para mais informações: <https://www.facebook.com/oesiasmanozeu/>

2.3.1. Comunidade Indígena

Fotografia 6 - Território Indígena Avá-Guarani Tekoha Ocoy



Fonte: PAULO SILVA, 2019

Fotografia 7 - Território Indígena Avá-Guarani Tekoha Ocoy



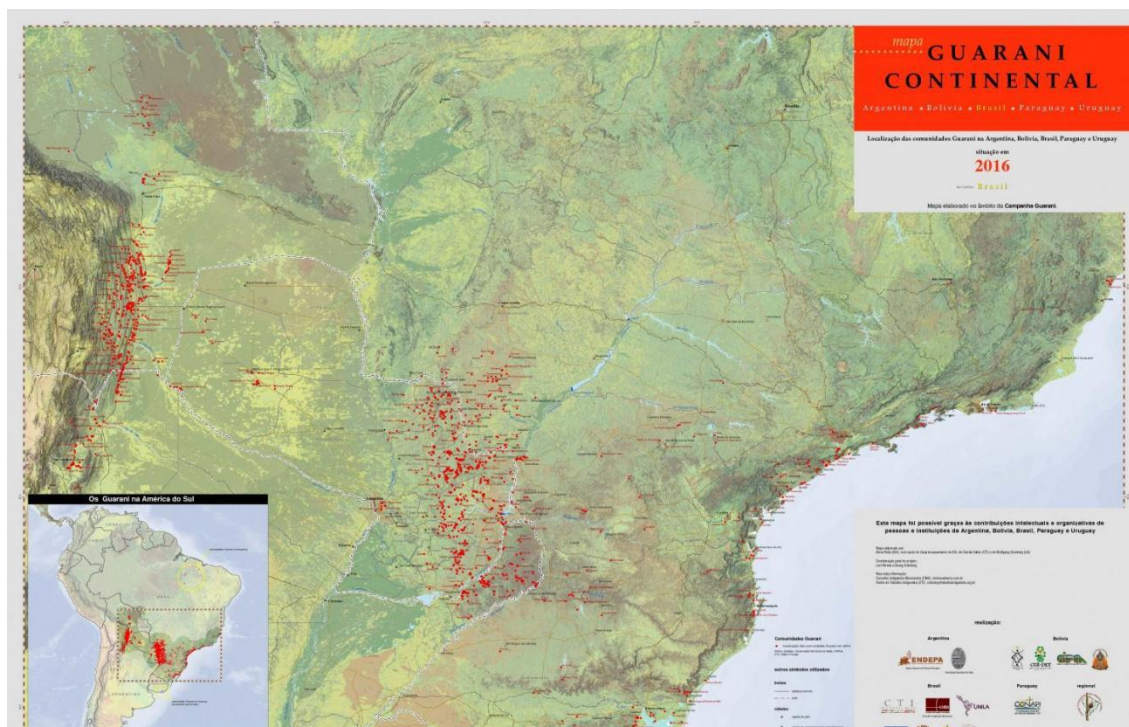
Fonte: PAULO SILVA, 2019

Para além das definições físico-químico-geológicas³¹ que poderiam ser trabalhadas através da fotografia, partiremos de uma definição dada pela dimensão histórico-social, politizada pela diferença demarcadora da propriedade privada no território. Aqui, a terra vermelha é marcada com o sangue daqueles e

31 O geógrafo Pedro Silva comenta que a cor avermelhada é característica no solo encontrado no oeste do território brasileiro por conta da presença de sedimentos de Basalto, uma rocha gerada a partir de atividade magmática e rica em ferro, que ao oxidar adota essa coloração.

daquelas que tombaram e seguem tombando defendendo seu território e sua cultura diante do extermínio genocida devido a invasão colonial e ao longo de mais de 500 anos e que, nos dias atuais, são expropriados/as pelo agronegócio atuante na região. Esses registros se deram em uma reunião com outras comunidades indígenas da região. O teor da reunião era sobre a ação judicial³² expedida na época pela juíza Raquel Dodge, então procuradora-geral da República, em torno da violação de direitos da comunidade das diversas etnias Guarani na construção de Itaipu.

Mapa



Fonte: <https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016>

³²<http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/raquel-dodge-defende-manutencao-de-comunidade-indigena-ava-guarani-em-area-reivindicada-pela-itaipu-nacional-ate-decisao-definitiva>

O mapa agora apresentado é uma imagem da presença dos povos Guarani na América do Sul. O documento foi lançado em 2016 e nos possibilita ver como os povos Guarani e suas etnias estão territorializados na atualidade no sul do nosso continente, após mais de cinco séculos de materialização violenta do latifúndio-monocultor-escravista (Gorender, 1980).

Nesse contexto, o historiador Clóvis Brighenti (2011) nos aporta os seguintes dados:

Os Guarani contemporâneos ocupam um território que extrapola as fronteiras dos Estados nacionais de países do Cone Sul da América, estão presentes na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. Estão classificados linguisticamente em quatro subgrupos: Kaiowa ou Pãi-Tavyterã (Brasil e Paraguai); Mbya (Brasil, Paraguai e Argentina - até recentemente havia também algumas famílias vivendo no Uruguai); Avá-Guarani ou Nhandeva ou Xiripa (Brasil, Argentina e Paraguai); Aché (Paraguai). Em 2008, diversas entidades da sociedade civil e universidades que atuam com a população Guarani no Brasil, Argentina e Paraguai publicaram o Mapa Guarani Retã 2008: Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai (CTI, 2008), onde apontam a existência de pelo menos 99.900 pessoas entre Kaiowa/Pãi-Tavyterã, AváGuarani/Nhandeva/Xiripa, Ache e Mbya. Na Bolívia, os Guarani são denominados Chiriguano, nome genérico dado a partir de fora. Ocupam partes do que é hoje a Argentina (especialmente os Tapui, no noroeste) o Paraguai (Guarayos e Tapieté, no departamento de Boquerón) e a grande maioria na própria Bolívia (nos departamentos de Santa Cruz, Tarija e Chuquisaca), perfazendo mais de 350 comunidades apenas na Bolívia. Organizam-se politicamente em torno da APG – Asamblea del Pueblo Guarani. A APG se diz representar os Guarani nos três países citados, e tem como meta a “Autonomía Territorial Guarani”. Segundo essa organização, a população Guarani Chiriguana ultrapassa 250 mil pessoas. (BRIGHENTI, 2011, 68-69).

E DE MELO(2019) complementa:

Os dados populacionais mais recentes, publicados no Cuaderno del Mapa Guarani Continental, estimam em 280.000 pessoas (CMG, 2016), já no século XVI estima-se que havia cerca de 2 milhões de pessoas (MELIÀ, 1988). Vivem em 1.416 comunidades formadas por aldeias, bairros urbanos, núcleos familiares desde o litoral Atlântico até a orla da Cordilheira dos Andes. No Brasil concentra-se a maior população com 85.255 pessoas. (DANTAS, 2019, p.17)

Cada ponto vermelho no mapa 01 é um espaço de produção e reprodução do modo de ser e estar no mundo desses povos. Porém, mediante o tema proposto do estudo das fronteiras, numa região formalmente conhecida como Trinacional³³, se entendida na sua complexidade indígena, revela-se muito maior. Assim, é necessário refletirmos: quais eram e quais são as fronteiras estabelecidas por esses povos anteriormente ao processo de invasão/colonização e posterior a este no metabolismo violento da produção urbano-industrial? Seriam os rios Paraná e Iguazu uma fronteira entre povos?

A partir deste quadro, o alvorecer do século XX encontra inúmeros aldeamentos Guarani no estado Paraná, fruto de dois movimentos distintos, parte resultado da ocupação imemorial dos povos Guarani no estado do Paraná e parte resultado das diversas migrações e deslocamentos ocasionados pela Guerra do Paraguai. É importante frisar que para os indígenas que se deslocaram do Paraguai esta terra toda “é terra Guarani”, já presente na cosmovisão do grupo como área tradicional e pertencente ao seu povo (BORGES, 2011, s,n).

A construção dos modernos Estados nações (século XX) após as guerras de independências no continente (século XIX) permitiram ao capital, em sua fase monopolista, impor, mas não sem resistência desses povos, fronteiras alheias ao modo de vida vividos nesses territórios³⁴. A história recente da cidade turística é materializada assim sobre o soterramento, o aniquilamento, a expropriação, e o apagamento das histórias que foram ceifadas para dar passo à ideia, concreta, de progresso mercantil. Segundo Souza (2009, p. 131) “A história contemporânea da fronteira, no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais”. Nos mesmos termos reforça Traspadini (2006), ao sustentar que,

os povos guaranis nas correntes do rio Paraguai traçam suas trágicas e resistentes histórias. Local em que os militares brasileiros defendem a ordem do progresso do capital imperante em cada época. O idioma guarani,

33 Ver documentário **Os 3 alves**: <https://m.youtube.com/watch?v=WcMlgJu0elg&t=574s>

34 Ver documentário **Guataha** : <https://m.youtube.com/watch?v=tDeqWL1CwWE>

presente na fronteira é um belo exemplo de que os muros levantados, ainda quando massacrem, oprimam,

não são capazes de destruir totalmente a riqueza da resistência. Das contradições emanam as possibilidades. A caminhada sobre as pontes, ao abrir novos horizontes, projeta possíveis novos usos para além do mercantil, mas não sem disputa (TRASPADINI, 2006, p. 41).

O historiador Waldir Rampinelli (2014) resenhando a obra do escritor venezuelano Fernando Báez (2011), relata:

A conquista da América Latina no século XVI consistiu não apenas na tomada do território e na expropriação de suas riquezas, mas no extermínio de determinados grupos, na destruição de culturas e na forçosa obrigação do esquecimento de seu passado, imposto pelos europeus aos povos originários. Por isso, três grandes crimes podem ser tipificados, sendo eles o de genocídio, o de etnocídio e o de memoricídio. (RAMPINELLI, 2014).

A síntese elaborada por Maria Lucia Brant de Carvalho (2013) nos ajuda a compreender melhor a situação:

A população indígena Guarani desde tempos imemoriais ocupa tradicionalmente as Bacias do Rio Paraguai, Paraná e Uruguai e seus afluentes, ou seja, a grande Bacia do Prata. A região da Bacia do Paraná na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina é denominada pelos Guarani como sendo uma parcela do Tekoa Guassu (conjunto de várias aldeias Guarani ou Aldeia Grande). Ali possuem o direito de permanecer, reconhecido legalmente desde a época colonial portuguesa e pelas sucessivas constituições brasileiras. No decorrer do século XX com a instalação de empreendimentos estatais brasileiros na região do oeste paranaense, os Guarani foram esbulhados de suas terras desaparecendo assim, inúmeras aldeias. Instalou-se um processo de desconstrução do território indígena. Grande parte da população indígena foi expulsa para o Paraguai, concentrando-se junto às aldeias ali existente, localizadas na fronteira com o Brasil. Apesar das pressões, uma única população Guarani conseguiu resistir no Brasil. Trata-se dos habitantes da antiga aldeia do Oco'y-Jacutinga. Em 1973, ela teve a maior parte de suas terras ocupadas pelo INCRA, visando reassentar colonos retirados do Parque Nacional do Iguaçu. Em 1982 a parte restante do território indígena, foi totalmente inundada com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Somente parte dos indígenas foram compulsoriamente reterritorializados para a Terra Indígena Avá-Guarani do Oco'y. A transferência da população, legalmente deveria ser de todo o

agrupamento indígena, para terras de igual extensão e ambientalmente semelhantes à anterior, e ainda seu uso deveria ser exclusivo. Oco'y apresenta dimensões diminutas, menores que anterior e ambientalmente comprometida. É sobreposta à Área de Preservação Permanente do reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu, terras em que, antes, constituía-se parte de Glebas de Colonos, os quais não foram indenizados pelo INCRA. Dada a insuficiência de terras e os problemas sociais decorrentes das superposições, os Guarani sofrem toda sorte de impactos sociais, ambientais, econômicos e sanitários. Tentativas de reterritorialização por parte dos indígenas foram reprimidas pelo Estado. Encontram-se acudados e necessitam de terras em ambiente adequado para sua reprodução física e cultural. Para esta solução, é preciso descartar falsas versões, que atribuem à emigração de indivíduos Guarani provenientes do Paraguai, a existência de excesso demográfico no Oco'y. Esta assertiva vem sendo utilizada, impedindo e mascarando a resolução do problema fundiário. O crescimento demográfico no Oco'y é semelhante ao de qualquer aldeia da etnia. Na verdade, não é a população indígena que é excessiva, mas o território onde foi reassentada que se apresenta insuficiente e inadequado desde a sua instalação no local. Tal situação é fruto de histórico descumprimento das leis pelos poderes Executivo e Judiciário federais, favorecendo grupos de poder locais (BRANT DE CARVALHO, 2013, s.p.).

Era a primeira vez que eu visitava a aldeia, sendo assim busquei alternativas para retratar o que estava ocorrendo de uma forma não muito invasiva e constrangedora, pois os registros também são resultados dos vínculos de amizade e de reciprocidade que vão sendo criados nas visitas nas comunidades.

A fotografia 04 registra um momento da reunião já citada na fotografia 03. Esse registro foi feito dentro da casa de reza da aldeia, um importante espaço de sociabilidade da comunidade, onde são realizadas as atividades espirituais que organizam a vida da comunidade, espaço em que são discutidas e deliberadas questões de suma importância para os mesmos.

2.3.2. Comunidade Quilombola

Fotografia 8 - Comunidade Negra Quilombo Apepú



Fonte: PAULO SILVA, 2019

Fotografia 9 - Comunidade Negra Quilombo Apepú



Fonte: PAULO SILVA, 2019

Mapa



Fonte: <http://www.gtclouvismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>, 2009

Mediante o mapa 02 cabe destacar o entendimento de MOURA (2014) sobre o tema, conforme aponta SABINO DE SOUZA (2020) e FARIAS (2020) “[...] foi o quilombola o sujeito ativo da luta durante todo o período da escravidão”. Sendo assim:

O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existisse escravidão lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito a determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias mesológicas favoráveis, ele podia afirmar-se. Não. O quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Não era simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, construindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa. O quilombo não foi, portanto. Apenas um fenômeno esporádico. Constituíam-se em fato normal dentro da sociedade escravista. Era reação organizada de combate de uma forma de trabalho contra a qual se voltava o próprio sujeito que a sustentava (MOURA, 2014, p. 163).

Sendo assim, conforme já escrito, também foi minha primeira ida ao território, mas por ter tido uma melhor mediação com uma antiga moradora da comunidade foi possível fazer alguns registros de forma mais confortável para mim e para comunidade.

Na fotografia 05 retratei “Seu Maurinho”, antigo morador do quilombo, e seu filho e neto. Na ocasião, Seu Maurinho fez questão de que eu e outro amigo, Wellington Lima, estudante de Ciências Políticas e Sociologia, fôssemos tomar café na sua casa após a reunião sobre a demanda da comunidade que solicitou à EPPC para mediar com a defensoria pública sobre o reconhecimento da terra também como terra quilombola.

Na fotografia 06 foi um registro ao final da produtiva reunião com as lideranças locais e assim se conformaram as tarefas que cada um desempenharia para o andamento do relatório e das ações necessárias para conformar o melhor cenário. Nessa fotografia temos as lideranças, moradores e

remanescentes. A reunião também consistiu em elaborar conjuntamente com a comunidade um relatório técnico por parte da EPPC com mediação com a Defensoria Pública para suprir uma demanda referente ao reconhecimento do território por parte das instituições competentes como território quilombola e seu direito à terra.

Através do artigo *O Quilombo Apepú: Memória e Representação de uma Comunidade*, publicado na Revista Unila de Extensão e Cidadania na edição número 1 de 2017 escrito por Portz, Decurgez e Silva temos as seguintes considerações:

A comunidade remanescente de quilombo Apepú encontra-se na área rural do Município de São Miguel de Iguazu, que faz divisa com Foz do Iguazu, na região Oeste do Paraná. O nome da comunidade refere-se ao tipo de laranja utilizada para elaborar o doce típico do local. Porém, em virtude da criação do Parque Nacional, em 1939, boa parte das árvores frutíferas deixaram de pertencer a comunidade, fato que levou ao replante de novas árvores (PORTZ *et al.*, 2017, p. 91).

Acrescenta-se:

A localidade onde estão as moradias dos quilombolas é conhecida como Sanga Funda, situada dentro da comunidade Apepú. Dona Aurora Correia, 73 anos, que assumiu a liderança da comunidade há oito anos, conta em entrevista que seu avô, sargento do Exército, veio transferido de Curitiba no ano de 1905 com o objetivo de trabalhar na instalação da linha telegráfica que chegaria até Foz do Iguazu. Ao término da obra, teria recebido oitenta alqueires de terra, dos quais restaram apenas vinte, onde, atualmente, encontra-se a comunidade Apepú. O motivo da redução do espaço teria sido a venda de parte da propriedade pelos irmãos da dona Aurora, que optaram por viver na cidade, e a criação do Parque Nacional do Iguazu (PORTZ *et al.*, 2017, p. 91).

No artigo *Conhecendo as Histórias de um Paraná Negro: A Comunidade Quilombola Apepú*, escrito por Cristiane Pires, e também publicado na mesma revista citada acima temos o seguinte aporte:

De todo o modo, as transformações pelas quais passou o país a partir dos anos 70 trouxeram a aceleração da modernização econômica, tornando cada vez mais difícil para as populações do campo a vida autossustentada. Por isso, é compreensível que nos últimos anos o número de pessoas vivendo em Apepú

tenha sido reduzido pelas duas razões apontadas por dona Aurora, além da questão do parque: “Agora, depois que registrou tudo, e acertou, quase todo mundo foi embora né?!... precisa trabalhar e é pouco espaço, né?!...” (PIRES, 2017, p.35).

Também destaco o trabalho *Apepú, um território quilombola no Oeste do Paraná*, de Leticia Carvalho, na qual traz as seguintes constatações:

O Apepú sofre com a expansão da fronteira agrícola, a proposta da Federação de Agricultores do Estado do Paraná (FAEP) de reduzir a zona de amortecimento do PNI de 10km para 1200m reflete os interesses sobre a região onde está situado o quilombo do Apepú. A FAEP pede a liberação da produção de milho transgênico no local, o que depende do plano de manejo do PNI, este subordinado ao ICMBio (CARVALHO, 2014, p.37).

E continua:

Além disso os desafios da consolidação da titularização dos territórios quilombolas no Paraná entram em conflito direto com a percepção popular de que o Estado não possui quilombos em sua formação, os trabalhos para esta desconstrução é recente (CARVALHO, 2014, p. 37).

2.3.3 – Assentamentos e acampamentos rurais (MST)

Acampamento Sebastião Camargo

Fotografia 10 - Acampamento Sebastião



Fonte: PAULO SILVA, 2017

Fotografia 11 - Acampamento Sebastião Camargo



Fonte: PAULO SILVA, 2017

Tanto a fotografia 07 quanto a fotografia 08 foram realizadas no acampamento Sebastião Camargo³⁵, na cidade de São Miguel do Iguçu. LOREGAT (2021) nos traz os seguintes aportes sobre o histórico do acampamento:

O Acampamento Sebastião Camargo, localizado em São Miguel do Iguçu – próximo ao posto de pedágio, a 43 km da fronteira entre Brasil e Paraguai, região oeste do Paraná – foi criado em março de 2015 em terras pertencentes ao ITEPA (Instituto Tecnológico e Educacional de Pesquisa da Reforma Agrária), instituição que funcionou até 2014, mas, na ausência de recursos federais, foi desativada. O contexto de ocupação do espaço tinha como características importantes a demanda de famílias sem-terra oriundas da região de Foz do Iguçu, Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguçu, como também a

³⁵<https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/acampamento-sebastiao-camargo-da-continuidade-a-luta-de-trabalhador-sem-terra-assassinado/21645>

retomada do espaço desativado do ITEPA que, como alguns diziam, estava sendo usado para atividades ilícitas (LOREGAT, 2021, p. 19)

O artigo de PEDRON (2013) traz informações sobre o histórico do Acampamento Companheiro Tavares:

O Assentamento Antônio Companheiro Tavares é resultado de uma ocupação coletiva realizada na madrugada do dia 06 de agosto de 1997, numa área que pertencia ao Grupo Bamerindus, presidido por José Eduardo Andrade Vieira. Aproximadamente 300 famílias de trabalhadores rurais sem-terra ocuparam a Fazenda Mitacoré, como forma de pressionar o governo para a desapropriação e destinação da área para a Reforma Agrária, após as denúncias de corrupção que pairavam sobre o ex-senador e do endividamento do Banco Bamerindus (PEDRON, 2013, s.p.).

Retomo os apontamentos de Loregat:

Em 2015, quando surgiu o acampamento, havia uma procura expressiva por Acampamentos MST na região, e isso fez com que muitos fossem até Quedas do Iguaçu para se inscreverem no Acampamento Dom Tomás Balduino, onde existia uma população de quase 3000 famílias as quais, na época, passavam por um conflito com a Madeireira Arupel (RELATÓRIO, 2010). Nesse contexto de demanda e conflito agrário, a direção estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ao verificar a gravidade da situação política em Quedas do Iguaçu, procurou como alternativa encontrar um espaço para as famílias oriundas de Santa Terezinha, São Miguel e Foz do Iguaçu a fim de evitar o deslocamento delas para a área de conflito cedendo o espaço do ITEPA (RELATÓRIO, 2020). Em 2020, quando colaborei, a pedido dos acampados, com a elaboração de um diagnóstico socioeconômico, em plena crise sanitária no país, o Acampamento Sebastião Camargo contava com uma população de 235 moradores entre idosos, adultos, jovens e crianças (LOREGAT, 2021, p.19)

Também cabe destacar que

O acampamento está hoje dentro da área do Assentamento Antônio Companheiro Tavares³⁶ – que homenageia outro trabalhar sem terra assassinado em 2000. No assentamento, mora com sua família Messias Camargo Ventura, um dos filhos de Sebastião Camargo, que agora é assentado pela reforma agrária e realizou o sonho do pai de ter um pedaço de terra (TERRA DE DIREITOS, 2016)

36Ver nota de rodapé número 29.

A ocasião foi uma dupla atividade que consistia na inauguração da biblioteca comunitária Ademar Bogo³⁷ e também se comemorava o Dia das Crianças. No primeiro registro evidenciei uma das figuras presentes nas paredes no espaço de atividades organizativas, de lazer e também de moradia: a figura do revolucionário latino-americano Ernesto “Che” Guevara de la Serna, que tem função de trazer à memória símbolos das lutas e da resistência.

Assentamento Chico Mendes

Fotografia 12 - Assentamento Chico Mendes



37 Ademar Bogo é militante social. Transformou-se de camponês a militante da luta pela terra nas ações concretas contra o latifúndio no Brasil. Começou a militância em 1979, motivado por movimentos populares na Nicarágua e pela ebulição da luta contra a ditadura no Brasil e participou do MST há mais de 30 anos. Estudou Teologia da Libertação no Instituto Teológico de Santa Catarina - ITESC. Graduou-se em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Bacharel em Filosofia pela Universidade Sul de Santa Catarina - UNISUL. Mestrado em Filosofia na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. É autor de inúmeros livros que versam sobre política, formação política, poesias e temas diversos sempre vinculados a luta pela transformação social.

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/20518/13102>.

Fonte: PAULO SILVA, 2019

Fotografia 13 - Assentamento Chico Mendes



Fonte: PAULO SILVA, 2019

As fotografias 09 e 10 foram feitas no Assentamento Chico Mendes, localizado na cidade de Matelândia pelo distrito Agro Cafeeira, cuja formação ocorreu em 2004 após a ocupação ocorrida na fazenda Boito. O trabalho de BAHNIUK (2008) nos aponta o histórico do acampamento na região. Segundo os apontamentos do autor:

A Fazenda Boito compreende 480 alqueires de terra e foi escolhida para ocupação tanto por sua atividade (im)produtiva - pecuária de bovinos -, como pela área estar em disputa judicial entre o antigo dono da terra e sua atual proprietária. Assim, sua desapropriação está condicionada à resolução desta pendência judicial (BAHNIUK, 2008, p. 34).

E continua:

Ocuparam a área em torno de 720 famílias, no entanto, logo nos primeiros dias de ocupação o número de famílias diminuiu

drasticamente. Segundo informações da direção do acampamento, em torno de 200 famílias desistiram nos primeiros dias por conta do tamanho da área ser menor de que suas expectativas, aproximadamente quinhentos alqueires o que comportaria num assentamento menos de cem famílias (BAHNIUK, 2008, p.34).

E ainda apresenta mais um dado que muito nos revela:

Em outubro de 2007 residiam no acampamento em torno de 150 famílias, provenientes de diferentes lugares. A maioria dos acampados proveio de regiões do Estado do Paraná (68%), sendo que 64,7% desses vieram do Oeste do Estado. Um número significativo de famílias veio de cidades do Paraguai, totalizando 30,3%. Dentre esses, muitos brasiguaios que atravessaram a fronteira em busca de terra para trabalhar. Em relação à origem de nascimento do titular da família, os dados são os que seguem: 68% nasceram no Paraná, 7,6% no Rio Grande do Sul, 5,9% no Paraguai; 5,9% em São Paulo, 5% em Minas Gerais e outros Estados correspondem a 3,4% (BAHNIUK, 2008, p.35).

O relatório³⁸ produzido pela EPPC em 2019 traz alguns dados importantes para o nosso trabalho:

A população é proveniente de diversos lugares do oeste e sudoeste do Paraná, devido aos diversos conflitos fundiários nessas áreas, como a Revolta dos Posseiros (1957) no Sudoeste Paranaense (PRIORI, 2012) e as desapropriações provocadas pela construção de diversas usinas hidrelétricas, como por exemplo a construção da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional, que foi responsável pela desapropriação de mais de mil famílias de oito municípios do extremo Oeste do Paraná (MORRISAWA,2001) (EPPC, 2019).

O que podemos constatar tanto no relatório, como na tese trabalhada por LOREGAT (2021), é que

[...] algumas famílias são de “brasiguaios”, “grupo de agricultores que saiu do Brasil em diversos momentos a partir de 1950, rumo ao leste do Paraguai, e que a partir de 1985 começou a retornar de forma organizada” (VANESKI; LOERA, 2017), porém sem perspectiva de terras para produzir (EPPC, 2019).

Dados sobre as famílias ocupantes constatados no relatório da EPPC:

38Ver vídeo com relatos dos assentados: <https://m.youtube.com/watch?v=8PDgpzINH2s>.

De acordo com o levantamento socioeconômico realizado no mês de maio de 2019, a comunidade possui 148 moradores incluindo idosos, homens e mulheres de meia idade, jovens, adolescentes e crianças. Identificamos que há uma população maior de pessoas entre 20 e 40 anos, incluindo homens e mulheres, o que implica em outros resultados como a divisão de trabalho entre a “roça” e o trabalho “fora”, embora o tempo de moradia no local se concentra mais com aqueles que moram desde a fundação da comunidade (EPPC, 2019).

Sobre o trabalho “fora” destes sujeitos, apresentamos algumas informações tabeladas que constam no relatório da EPPC:

Tabela 1 - Empregadores

Empregadores		
Lar	11	34%
Frimesa	3	9%
Comércio no Distrito Agrocafeeira	0	0%
Trabalho através de diárias	14	44%
Outros	4	13%
Total	32	100%

Fonte: Elaborada por EPPC, 2019

O relatório também nos ajuda na leitura desses dados:

Os empregos estão concentrados na Indústria Lar, a maior empregadora com 34% dos membros, entretanto o trabalho com diárias é ainda a maior opção dos membros das famílias que possuem outra ocupação, com 44%. Este índice se dá devido à flexibilidade de poder desenvolver a atividade no quintal ou lote, pois os serviços com diárias são na zona rural em fazendas e sítios vizinhos. Isso também demonstra que há uma boa relação entre os sítiantes vizinhos com os moradores da comunidade. Entretanto, o trabalho com diárias não gera uma renda fixa, causando dificuldades econômicas para as famílias (EPPC, 2019).

E complementa:

[...] 34,5% da população da Comunidade trabalha exclusivamente nas atividades do campo. A maior parte das

famílias (54,5%) tem um membro que trabalha fora. As famílias que possuem mais de um adulto trabalhando em alguma empresa no meio urbano, é porque os filhos jovens estão com mais de 18 (dezoito) anos e ajudam na renda familiar. Normalmente, nos dias de descanso, os membros que trabalham no meio urbano ocupam-se com atividades rurais (plantio, horta, cuidado dos animais, colheita, organização do quintal, etc). Há sempre um dos membros da família que organiza o cotidiano e se dedica apenas às atividades do campo (EPPC, 2019).

LOREGAT (2021), na sua tese trabalhada a partir dos relatos e das experiências de algumas famílias assentadas, reforça que,

[...] tanto o Acampamento Sebastião Camargo quanto o Chico Mendes passaram pela experiência do despejo e de constantes ameaças de despejo. A ocupação precede o despejo, quase como uma regra a ser seguida como estratégia de repressão. Comentando essa ordem cronológica, emerge a ideia da naturalização do despejo, ou seja, todo acampado sabe que pode ser despejado (LOREGAT, 2021, p.151).

E continua:

No MST, há uma quantidade significativa de trabalhadores rurais que não aceitam o caminho de viver nas periferias pobres nos centros urbanos e também não concordam com o modelo agrário/exportador executado pelos latifúndios. Em consequência desse posicionamento político, esses trabalhadores são estigmatizados. Além disso o poder do Estado, muitas vezes aliado a setores conservadores, emprega a violência juntamente com formas invisíveis de poder simbólico, produzindo princípios de legitimidade que criminalizam e estigmatizam os sem-terra (LOREGAT, 2021, p. 151).

A ocasião do registro da fotografia 09 consistia em uma atividade em homenagem ao revolucionário latino-americano Ernesto “Che” Guevara no ano de 2018, realizada no dia sua queda em combate em terras bolivianas. A atividade foi feita em forma de mística pelos moradores do acampamento. No registro em questão estão retratadas avó e neta, Dona Maria e sua neta Aline.

A fotografia 10 foi feita em um outro momento na qual foi solicitada a EPPC para a produção de relatório para subsidiar o processo de reintegração de posse. O registro tem a intenção de destacar dois alimentos fundamentais para as formações sociais dos povos originários por onde se convém chamar de

América Latina na atualidade: o milho e a mandioca. Esses alimentos e seus diversos tipos foram alimentos-base de diversos povos que arduamente resistiram à invasão colonial por parte das potências europeias, como Espanha e Portugal.

2.3.4. Ocupações Urbanas

Ocupação Congonhas

Fotografia 14 - Ocupação Congonhas



Fonte: PAULO SILVA, 2018

Fotografia 15 - Ocupação Congonhas



Fonte: PAULO SILVA, 2018

A fotografia 11 revela um registro feito em umas das reuniões semanais organizativas incentivadas pela EPPC na Ocupação Congonhas, localizada na região do bairro Três Lagoas no ano de 2018. Conforme apontado no relatório produzido pela EPPC:

A ocupação Jardim Congonhas localizada na região de Três Lagoas em Foz do Iguaçu, tem início em 2016 quando famílias sem casa própria decidem ocupar o terreno particular e sem uso atualmente citado no processo. Inicialmente eram seis famílias, porém em quatro meses a ocupação já era constituída por 97. Este terreno segundo os ocupantes era um espaço com entulhos e abandonado, sendo necessário para a ocupação a retirada de cerca de 9 caçambas de resíduos. Em 2017 muitas casas da ocupação foram derrubadas pela polícia. A insegurança depois desse fato levou a significativa redução das famílias, atualmente 50 (EPPC, 2018).

Ainda segundo o relatório produzido é constatado:

Na ocupação também é percebida a existência de espaços coletivos, sendo este considerado como aquele que é comumente usado e possuído por todos. Portanto, está diretamente relacionada à formação de uma comunidade agregadora e compartilhada (EPPC, 2018).

Destaque também à sua localização:

[...] localizada na micro bacia hidrográfica do Córrego Mathias Almada, porém todas as casas da ocupação estão a 30 metros da nascente. É importante dizer que esta micro bacia sofre vários processos de pressão ambiental de montante a jusante (14km), com o lançamento de esgotos, bem como implantação de ações de extração de pedras (EPPC, 2018).

A preocupação com o entorno e uma boa interação também é percebida:

A produção coletiva de alimentos nesta comunidade é realizada em pequenas áreas de terra, tendo, como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar e os vizinhos. São plantados: mandioca de duas variedades sendo a branca e a amarela; quiabo, feijão, milho e hortaliças como alface, almeirão, cebolinha e salsinha. Os moradores dessa comunidade também plantaram e cultivam muitas árvores frutíferas como goiabeiras, pés de ingá, jaqueiras e limoeiros. É importante ressaltar que a produção desses alimentos (tubérculos, grãos, hortaliças e frutas) são realizados de forma orgânica, ou seja, os moradores dessa comunidade não permitem o uso de produtos químicos sintéticos prejudiciais para a saúde humana e para o meio ambiente, tais como alguns tipos variados de fertilizantes e agrotóxicos sintéticos, nem de organismos geneticamente

modificados. Mas o principal objetivo da produção coletiva de alimentos na Comunidade Congonhas é garantir a sobrevivência do morador, da sua família e da sua comunidade, ou seja, visa suprir as necessidades alimentares das famílias. Produção coletiva de animais: Também são criando pelos moradores de forma coletiva galinhas caipiras em um único galinheiro (EPPC, 2018).

Essa área foi ocupada por famílias de trabalhadores e trabalhadoras que geralmente estão sobrevivendo ao desemprego ou estão na informalidade e quando arrumam emprego na formalidade são, geralmente, em ramos de terceirização.

Essa imagem fotográfica é, assim, um registro histórico, uma fonte que anuncia a luta e denuncia a desigualdade social em um território dominado por megaprojetos econômicos. São mulheres posicionando-se pelo direito à moradia em uma cidade que insiste em ocultá-las, expulsá-las, invisibilizá-las.

Para o capital, são negras, pobres, prescindíveis. Para o popular, a partir da reação e relação social de resistência, são mulheres com lideranças comunitárias fundamentais na luta de classes. De braços cruzados, como política de proteção frente à ordem da expulsão, com filhos no colo e abraçados nas pernas como ocorre com toda liderança feminina que cumpre, ao mesmo tempo, muitas funções, mas com os olhares atentos e fortes sobre a possibilidade real de ter a universidade como aliada na luta pelo direito à vida, à moradia, à dignidade.

Caber reforçar, também, que a imagem expõe o trabalho coletivo dessas famílias na luta pelo direito à moradia. Portanto, é uma imagem que capta, na resistência, processos de relações diversas sobre os sentires no território. Há um envolvimento político que é afetivo na imagem. Nas palavras de Boris Kossoy (2001, p. 114) para aqueles e aquelas que protagonizam a cena da luta captada no momento em que ocorre a reunião:

Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e

lugares. Através das fotografias reconstruímos nossas trajetórias ao longo da vida: o batismo, a primeira comunhão, os pais e irmãos, os vizinhos, os amores e os olhares, as reuniões e realizações, as sucessivas paisagens, os filhos, os novos amigos, a cada página novos personagens aparecem, enquanto outros desaparecem das páginas do álbum e da vida (KOSSOY, 2001, p.114).

A fotografia retrata uma ocupação em uma região cujo modelo de desenvolvimento urbano industrial, oriundo do período militar, reforça como zona turística exitosa. É uma imagem que está vinculada a uma finalidade política, uma vez que integra um relatório de defesa social que visa defender o direito à moradia e mostrar quem são essas famílias para além dos números e dados. É, portanto, uma imagem documental, de registro da luta pela sobrevivência em um sistema que insiste em excluir, marginalizar, criminalizar os e as que tentam sobreviver.

A fotografia 12 registra uma das muitas reuniões organizativas da comunidade no ano 2018. Esses encontros ocorriam semanalmente às sextas-feiras com o intuito de compartilhar informações e demandas, debater propostas e ações, melhorar a organização coletiva. Geralmente as reuniões se davam nesse lugar e na forma de uma grande roda, na qual era possível se deparar com a multiplicidade de sujeitos que compunham a ocupação. Ou seja, cada qual tinha uma tarefa estabelecida para a reunião da próxima semana.

Outra habilidade que foi crucial para estabelecer um vínculo inicial nas comunidades, foi a música. Portando meu cavaquinho ao encerrar uma reunião organizativa contribuía com alguma música do repertório popular, particularmente da esfera do samba ou alguma composição autoral, como a que eu criei no andamento da luta na Ocupação Congonhas³⁹:

*É o povo que luta,
é povo que sonha,
resiste na Ocupação Congonhas.*

³⁹<http://www.defensoriapublica.pr.def.br/2018/11/1265/NUFURB-e-UNILA-revertem-reintegracao-de-posse-na-Ocupacao-Congonhas-.html>.

Através desse versinho cantado em forma de samba e em roda, tinha a intenção de proporcionar um sentido da beleza da luta coletiva. Após a execução da ordem judicial que assegurava juridicamente a comunidade numa nova área ao lado do espaço ocupado, o nome atribuído pela comunidade ao local também mudou e, sendo assim, também se alterou o verso cantado ao final das reuniões:

*É povo que luta
e que sonha,
pra fazer diferente.
Resiste na ocupação
que agora se chama
Congonhas Nascente.*

2.3.5. Ocupação Bubas

Fotografia 16 - Ocupação Bubas

Fonte: PAULO SILVA, 2019

Fotografia 17 - Ocupação Bubas

Fonte: PAULO SILVA , 2019

A Ocupação Bubas carrega com a pronúncia de seu nome o complemento de que é “a maior ocupação urbana do Estado do Paraná”⁴⁰, localizada em uma área de 40 hectares na região do Porto Meira, próxima a fronteira da Argentina e ao rio Iguaçu. Em 2012 chegou a primeira família; em fevereiro de 2013 chegaram mais de 1200 famílias; entre elas, pessoas das três nacionalidades que compõe a região:

O Porto Meira era a localidade de “integração” com fronteira com a Argentina, sendo por um vasto período um polo comercial, obtendo um importante fluxo de capital, pessoas e mercadorias. Contudo, o bairro teve parte de sua economia abalada com a inflexão dessa circulação a partir da redução de balsas localizadas nas margens do Rio Iguaçu que faziam as travessias. A mudança ocorreu a partir da construção da ponte da fraternidade, também denominada Presidente Tancredo

⁴⁰<https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-or-bubas-5-anos-de-ocupacao-e-resistencia>.

Neves, inaugurada em 1982. Outro processo, que culmina com a perda de centralidade comercial da região, ocorreu com a construção de Itaipu Binacional, que fortaleceu as relações do Brasil com o Paraguai (RIBEIRO, 2015, p.177).

GONZALEZ (2005) também nos subsidia com a formação histórica do bairro do Porto Meira:

O Porto Meira não é a única e nem a mais populosa região periférica de Foz do Iguaçu. Contando como cerca de 40 mil habitantes, o bairro inseriu-se no processo de crescimento urbano vivido por Foz do Iguaçu e, após os anos 1980, passou a se definir como uma periferia bastante peculiar. Na década de 1970, quando a maior parte da população operária de Foz do Iguaçu estava concentrada na região norte da cidade, nos arredores da barragem de Itaipu, o Porto Meira era habitado por algumas famílias de pescadores, pequenos agricultores e muitos imigrantes paraguaios, estes últimos chegados na região já a partir dos anos 1940. A região não ficou imune às transformações desencadeadas na cidade após a década de 1970, mas foi sobretudo na década de 1980 que o Porto Meira passou a vivenciar um processo expressivo e contínuo de crescimento demográfico, período no qual foram ocupadas de forma sistemática várias áreas verdes (reservadas para preservação ambiental), propriedades particulares (em sua maioria, áreas rurais, especialmente pastagens), e terrenos do próprio poder público municipal e federal (GONZALEZ, 2005, p. 73).

Através dos dados levantados pela EPPC em 2015 e também tendo sido trabalhado por VARGAS (2020) temos um *raio-x* elaborado para melhor compreensão da comunidade.

Figura 2 - Dados da Ocupação Bubas



A fotografia 13 retrata um momento de festividade na ocupação, no dia em que se comemorava o Dia das Crianças. A EPPC sempre soma esforços com a comunidade para também o direito ao tempo de brincar, de rir, de viver e conviver com dignidade (TRASPADINI, 2021)⁴¹.

A fotografia 14 foi um registro de 2019 de uma atividade organizada pela EPPC sobre regularização fundiária com moradores da Ocupação Congonhas, da Ocupação Bupas e da Cidade Nova. Essa foto retrata algumas pessoas fundamentais para a organização dessas comunidades. Rose e Maria, lideranças comunitárias da ocupação, Francielly, umas das lideranças da Ocupação Congonhas, Dona Elza, militante social da Cidade Nova e as professoras do curso de Arquitetura da Unila e coordenadoras da EPPC, Cecilia Angileli e Patricia Zandonade.

2.3.6. Favela Monsenhor Guilherme

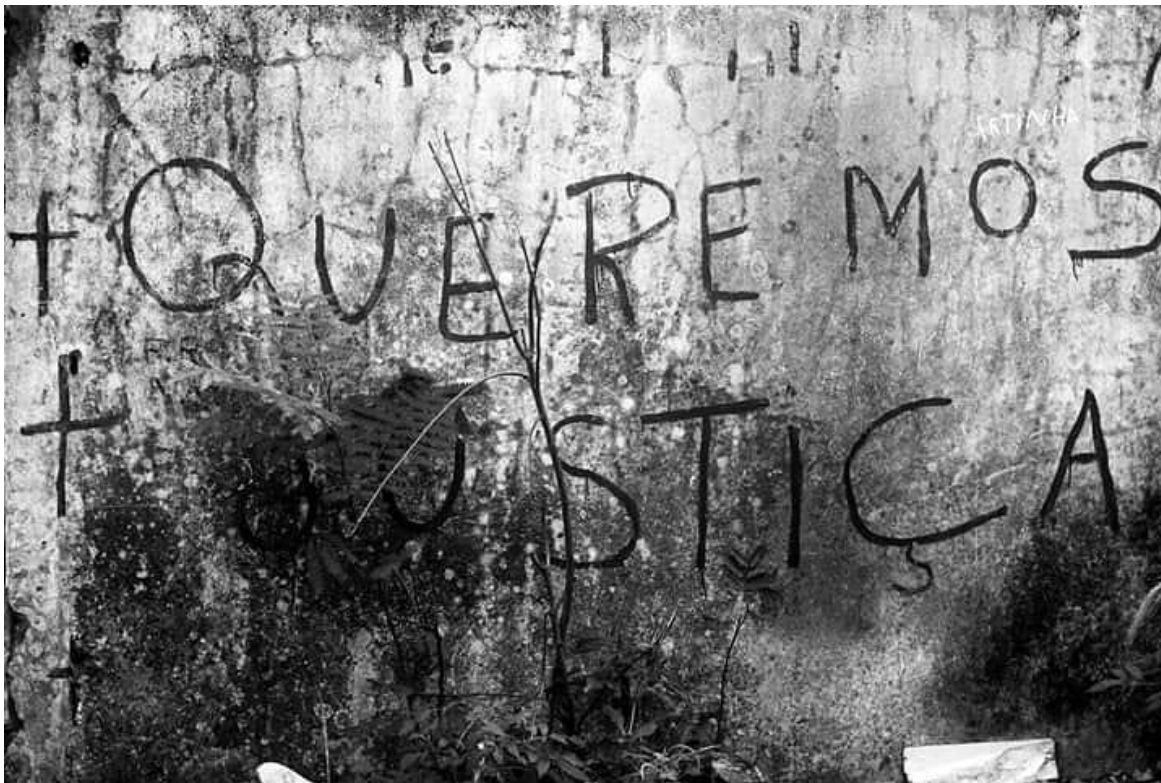
⁴¹<https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/o-auxilio-emergencial-e-os-retratos-da-superexploracao/>

Fotografia 18 - Favela Monsenhor Guilherme



Fonte: PAULO SILVA, 2019

Fotografia 19 - Favela Monsenhor Guilherme



Fonte: PAULO SILVA, 2019

Mediante as informações do relatório da EPPC sobre a ocupação Monsenhor Guilherme, temos o seguinte histórico sobre a ação de remoção enviada a comunidade em julho de 2019:

A Comunidade Monsenhor Guilherme está localizada junto ao Rio Paraná na área central do município de Foz do Iguaçu, em uma área pública considerada de preservação permanente. Com pouco mais de 40 famílias, atualmente sofre com a determinação do Ministério Público Federal que pede a sua remoção (EPPC, 2019).

FOSS (2019, p. 26) nos aponta que “A ocupação Monsenhor Guilherme existe desde a década de 1970, localizada às margens do rio Paraná”.

A fotografia 15 apresenta uma das reuniões organizativas semanais com a comunidade. Essa comunidade é composta na sua grande maioria de mulheres e homens que trabalham principalmente na informalidade e cabe destacar que também é composta por pescadores e pescadoras.

A fotografia número 16 foi registrada em um muro na entrada da comunidade, tornando possível remeter à reflexão o verso da música *Brixton, Bronx ou Baixada*⁴² cantada pelo grupo O Rappa⁴³, na qual traz os aspectos que unem essas três comunidades afastadas geograficamente: *O que as paredes pichadas têm pra me dizer? O que os muros sociais têm pra me falar?*

42A letra da música faz um paralelo entre a realidade periférica da população negra em três cidades de três países diferentes: Brixton, bairro de Londres, Inglaterra; Bronx, bairro da cidade Nova York, Estados Unidos; e Baixada ou Baixada Fluminense, uma região do estado do Rio de Janeiro. Para ouvir a música: <https://m.youtube.com/watch?v=Y7TGG2QQ3MY>

43https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Rappa

2.3.7. Horta da Dona Laide

Fotografia 20 - Horta da Laide

Fonte: PAULO SILVA, 2019

Fotografia 21 - Horta da Dona Laide



Fonte: PAULO SILVA, 2019

*Ela cuida terra,
Faz crescer
o milagre da vida.
Água que corre limpa
de suas mãos tão limpas.
Terra pra semear
Vai brotar a semente.
Profundas raízes
que não sucumbirá
as águas do tal progresso
que como uma enchente quer
te arrastar.*

A fotografia 17 é o registro feito no ano de 2019 de uma parte da família da Dona Laide, com Maria Serrate, sua filha, Dudu e Vitória, seus netos que cresceram e estão sempre presentes na horta. O registro foi também no primeiro momento de formulação do relatório em mediação com a Defensoria Pública mediante já ação de reintegração requisitada pela Itaipu.

Há mais de 30 anos a família da Dona Laide e do Seu Zé⁴⁴ se estabeleceram na área na Vila C. Cabe o destaque que a lógica particularmente dessa família, que são remanescentes da Comunidade Negra Quilombo Apepú, tem sido a do cuidado e do restauro ambiental, sendo responsáveis pelo plantio de diversas árvores e principalmente de preservação e limpeza do córrego Brasília. Além dessas ações de cuidado e restauro ambiental, a família é responsável pela produção de alimentos orgânicos na horta, visando primeiramente a subsistência⁴⁵, com o excedente sendo comercializado com a comunidade do entorno.

A área denominada de Horta da Dona Laide compreende uma área de aproximadamente 1 alqueire e, mediante ao levantamento de dados da EPPC, soube-se que

44Ver vídeo <https://m.youtube.com/watch?v=l0xK8XPx1tE>.

45 Ver vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=mQZoZmxFXaE>

A mesma teve início na década de 1990 com 130 famílias, e em 2012 chegou a ter 200 famílias. Posteriormente as famílias foram sendo removidas restando atualmente cerca de 24 famílias (EPPC, 2019,).

Sendo 4 ocupações de características rurais e 1 de característica urbana, na qual foram dessa última as famílias que foram removidas para uma outra localidade na Vila C. Essas 4 ocupações de características rurais ficaram representadas pelo nome de Horta da Dona Laide como um todo.

A primeira mediação com a família ocorreu no final do ano de 2018, mediante o pedido de reintegração de posse por parte da Itaipu Binacional e prefeitura com a proposta de construção de parque no local. Vale dizer que isso foi num período de festas de final de ano. Sendo feita a mediação entre as famílias ocupantes, EPPC e Defensoria, desenvolveu-se o relatório para fazer parte do processo, além de formuladas outras estratégias para evitar a ordem de reintegração. Sendo assim, no ano de 2019, Dona Laide e sua família deram continuidade em ofertar à comunidade alimentos produzidos na horta através de feiras que se realizavam aos domingos no local.

No ano de 2020 novamente a ameaça de reintegração de posse se fez presente por parte dos interessados em remover as famílias da área. Uma vez mais foram pensadas ações estratégicas para a permanência das famílias. Essas ações consistiram agora, pra além da feira, na produção de marmitas feitas com os alimentos produzidos na horta e também se iniciou uma campanha pelas diversas redes sociais como Facebook e Instagram⁴⁶. Devido a interação das redes, foi possível receber mensagens de solidariedade e apoio além da comunidade local.

Outra ação que foi pensada para fortalecer o vínculo das famílias, foi o desenvolvimento e apresentação de uma contraproposta que consistia em contemplar o interesse também dessas famílias pelo parque, defendendo que a

46 Ver <https://www.instagram.com/ficadonalaide/>.

presença dos mesmos no referido parque seria de fato compatível, uma vez que existem evidências de que são estes os responsáveis pelo reflorestamento de diversas árvores e plantas no local.

A fotografia 18 expressa a forte relação familiar existente, traço esse sempre reiterado na fala dos mesmos. Vemos Seu Zé ao centro do retrato ao redor da família. E a continuação de seu legado após sua morte.

2.3.8. Bairros Populares

Cidade Nova

Fotografia 22 - Biblioteca Comunitária Cidade Nova Informa



Fonte: PAULO SILVA, 2018

Fotografia 23 - Dona Elza



Fonte: PAULO SILVA, 2018

Através da fotografia 19 destaco um importante espaço de promoção da leitura, informação e dos direitos humanos, localizado na Cidade Nova II. O arquiteto urbanista Nicolás Alvez formado pela UNILA, em seu trabalho de conclusão de curso, faz uma análise da questão urbana de Foz do Iguaçu e nos traz os seguintes elementos sobre o bairro Cidade Nova e a Biblioteca Comunitária:

Este barrio que posee una Biblioteca Comunitaria - CNI y un periódico informativo (Cidade Nova Informa- CNI-2011)

enteramente gestionado por la organización de un grupo de habitantes del barrio que consiguieron a partir de la lucha popular montar un espacio físico para una biblioteca y sala de informática, donde actualmente son dictados una serie de cursos, charlas y formaciones para los niños, jóvenes y adultos del barrio. (ALVEZ, 2017, p. 12).

Aqui, cabe o destaque da reportagem sobre as bibliotecas em Foz do Iguaçu pelo portal *H2FOZ*:

No Cidade Nova, a biblioteca Comunitária CNI reúne cerca de oito mil livros. O prédio da iniciativa, criada há dez anos, é cedido pelo município, e o espaço é administrado por cerca de 25 voluntários da Associação Cidade Nova Informa (CNI) (PARO, 2021, s.p.)

Ainda sobre histórico do bairro, continua ALVEZ (2017):

Barrio surgido a partir de un programa que realizó la Intendencia de Foz de Iguaçu con la colaboración del Gobierno del Estado de Paraná a comienzos de la década de 1990. El objetivo de ese programa era resolver el déficit habitacional en la ciudad, también tenía la intención de expulsar la población pobre que ocupaba en condiciones precarias regiones centrales de la ciudad, denominadas “corredor turístico”, con la meta de realizar obras de “revitalización” en el perímetro urbano y atractivos turísticos (ALVEZ, 2017, p. 12).

E ainda:

Dentro de esas obras estaba el proyecto de la Avenida Beira Río con la finalidad de crear un atractivo turístico en las márgenes del Río Paraná que posibilite una vista panorámica del país vecino, el Paraguay. La comunidad Monsenhor Guilherme ocupaba (y aún ocupa) la zona donde se realizarían las obras y junto con otras comunidades que padecían problemas habitacionales en la ciudad se volvió necesario establecer una propuespuesta a estas poblaciones. Es así, que en 1993 se crea la COHAFOZ, con el objetivo de generar propuestas de vivienda en Foz de Iguaçu. A partir de ahí, se genera el proyecto de fraccionamiento de Cidade Nova, que se construiría en la región norte del Municipio de Foz de Iguaçu. En este reasentamiento fueron colocados integrantes de bandas distintas de narcotraficantes lo que provocó prácticamente una “matanza” entre las bandas en los primeros años de la creación de Cidade Nova. Este hecho le dio la cara de barrio peligroso y criminal, siendo marginalizado y estando siempre lejos de la mirada del poder público como reclaman habitualmente en el periódico CNI sus habitantes. Mayoritariamente eran jóvenes y

adolescentes quienes murieron en esa guerra entre bandas de esta que diera de adaptabilidad al medio indigno en el cual desarrollan sus vidas, habilidades de supervivencia, conciencia de clase y diversas luchas de resistencia que se desarrollaban en la región (desde la posibilidad de acceder a una dirección, atención en puestos de salud, acceso al colegio), entre otras (ALVEZ, 2017, p.13).

RIBEIRO (2015) também traz os seguintes elementos sobre o tema:

A maior remoção da história do município de Foz do Iguaçu, corresponde ao "deslocamento" dos moradores de Favela da Marinha, Monsenhor, Cemitério e Bambu, tal processo foi realizado com a construção do Conjunto Habitacional Cidade Nova (RIBEIRO, 2015 p. 201).

E também:

O projeto se fundamenta na realidade do déficit de habitação do município, que girava em torno de 15 mil habitações, sendo que sete mil seriam em favelas. Seguindo essas proporções, o bairro Cidade Nova resolveria com o conjunto de 4.500 casa populares, relocando aproximadamente 64, 29% da população favelizada para região. Na prática, o Cidade Nova se constituiu nas primeiras remoções entre 1997-2000 no deslocamento de 350 famílias, ou seja, se efetivou nesse período um deslocamento inferior a 10% do que o estipulado pelo projeto, já elencamos no texto as possíveis variáveis para a não realização dessa "remoção" em plenitude. No entanto, fica evidente que o plano era e ainda é de "desfavelizar" praticamente toda a margem do Rio Paraná (RIBEIRO, 2015, p. 202).

Cabe o destaque para o seguintes dados levantados pela EPPC no relatório técnico em 2019 após um levantamento feito com 1322 moradores que representa 37% do bairro (EPPC, 2019).

Origem da população dos entrevistados 95% (333) são brasileiros, 5% (9) paraguaios. Dos entrevistados brasileiros, 69 % (242) são paranaenses. (EPPC, 2019).

Desses dados também destaco que *“dos entrevistados, 11% afirmaram já terem morado no PY e 20% em outras cidades do Brasil, em especial localizadas no Paraná”*. (EPPC, 2019)

A fotografia 20 tem como foco a lutadora social Elza Mendes⁴⁷, conhecida popularmente por Dona Elza. Sua trajetória e militância no bairro da Cidade Nova vem de muitos anos e também se faz presente na gestão e consolidação da biblioteca. A ocasião do registro foi a divulgação de um produto de um projeto de extensão ocorrido na biblioteca com moradoras do bairro: o *livro de pano*⁴⁸, no qual estão inscritas histórias narradas pelas próprias testemunhas dos processos de remoções violentas constantes em formas de relatos e também de poesias.

Conjuntamente com outros moradores, como Seu Zé e o já enunciado poeta Mano Zeu e outros, tanto a biblioteca quanto outros espaços no bairro têm servido para promover a solidariedade⁴⁹ com vários estudantes da UNILA devido ao desmantelamento das políticas de permanência, como a falta de ter uma restaurante universitário popular e moradia.

47Entrevista <https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/noticias/elza-mendes-presidente-da-biblioteca-do-cidade-nova-fala-do-estimulo-a-leitura>.

48Para acessar o livro: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=projetoLivrosdepano&set=a.1473380479416820>.

49 <https://portal.unila.edu.br/informes/natal-da-integracao>.

Morumbi*Fotografia 24 - Yarlorisá Marina Tunirê*

Fonte: PAULO SILVA, 2017

Fotografia 25 - Afoxé Ógún Funmilayó



Fonte: PAULO SILVA, 2017

A fotografia 21 foi realizada na apresentação do trabalho final da estudante do curso de *Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar*, Melrilane Sarges, no ano de 2017. Sua apresentação foi realizada no Ilê Asé Oju Ógun Funmilaiyó Cabloco Boiadeiro 7 Laços da Yalorisá Mariana Tunirê ou como popularmente falado *Terreiro da Mãe Marina*, localizado no bairro do Morumbi. Nos aponta SARGES (2017):

O Ilê Asé Ojú Ogun Funmilayo é um terreiro (comunidade tradicional de matriz africana) de candomblé de nação Ketu, fundado em 1982 em São Paulo pela Yalorisá Marina Tunirê, filha do orixá Ogun. Em 1992 o terreiro transfere-se para a cidade de Foz do Iguaçu. Posteriormente Yalorisá Marina Tunirê, funda a Associação Cultural Afoxé Oju Ogun Funmilayo, grupo musical afro religioso que desenvolve atividades de combate à intolerância religiosa e ao racismo, através de apresentações em escolas e universidades de Foz do Iguaçu,

municípios lindeiros e cidade vizinhas no Paraguai e Argentina (SARGES, 2017, p. 15).

Ter sido convidado a registrar esse momento significativo na vida de quem estuda academicamente foi de fato uma oportunidade de, pela primeira vez, conhecer um espaço importante na vida de muitos estudantes que, vindos de outros lugares do país e também da América Latina e Caribe, encontram um espaço no qual foi possível encontrar amparo e cuidado em diversas esferas, mas principalmente ligadas ao sagrado. Também é notória a relação dos estudantes com o Afoxé Oju Ogun Funmilayo, como aponta SILVA (2017):

Foi através de um destes projetos, o Afoxé Ogún Funmilaiyó, que realiza ensaios e apresentações, com ensino e aprendizagem de musicalidade e danças Afro-Brasileiras, que tive meu primeiro contato com o universo dos Orixás, em uma de suas apresentações dentro da UNILA. Além de fundadora do Afoxé Ogún Funmilaiyó, a Yalorixá também foi responsável por promover a primeira marcha contra a intolerância religiosa de Foz do Iguaçu, em 2016 (SILVA, 2017, p.10).

A fotografia 21 registra o momento de fala da Mãe Marina sobre a ocasião descrita. É fundamental deixar marcado que ela foi uma personalidade destacada e de honra da banca examinadora, trazendo em sua fala elementos da sua vivência em Foz do Iguaçu, sendo uma mulher negra e pertencente a uma religião de matriz africana como o Candomblé em plena região oeste do Paraná. Sendo assim, o trabalho de Melrilane consistiu em demonstrar o papel dos terreiros de candomblé e sua relação com sagrado e sua prática religiosa como espaços que conferem importância no combate à insegurança alimentar da comunidade local.

SARGES (2017) destaca que

Neste sentido, não é possível discutir a alimentação sem relacioná-la ao contexto histórico-cultural que mantém suas práticas e conhecimentos no Candomblé. São mulheres, que a partir de suas práticas alimentares mantêm e transmitem suas tradições religiosas. Assim, falar de alimentação entre populações negras nos remete a resistência ao processo de escravização e colonização, a partir das práticas vivenciadas na religião, estas mulheres conferem significados às suas ações e

Ihe dão um caráter de resistência a cultura afro-brasileira (SARGES, 2017, p. 27).

SARGES (2017) elabora um trabalho no qual demonstra a relação com sagrado através do candomblé, na prática cotidiana pela qual se transmite e desenvolve uma gama de conhecimentos sobre os alimentos em que se exige ir além do que o modelo agroexportador nos impõe. Sendo assim,

Ressalta-se neste trabalho a grande importância da alimentação para as práticas religiosas de matriz africana e mais que isso, do acesso a determinados alimentos, não industrializados, que possuem aditivos ou modificações em sua composição. Preservar estas práticas culturais passa a ser determinante para preservar a manutenção de determinados alimentos a elas relacionadas, como nos mostram as práticas do Ylê Asé Ojú Ogun Funmilaiyó, como nos coloca a Yalorisá Marina Tunirê (SARGES, 2017, p. 34).

Quanto à fotografia 22, foi o registro de uma manifestação organizada em 2016 pelo Afoxé com a comunidade haitiana em Foz e estudantes da Unila, após a agressão racista e xenofóbica contra um haitiano, estudante do curso de *Administração Pública e Políticas Públicas*, Getho Mondesir⁵⁰. O ataque ocorreu na principal avenida do centro de Foz do Iguaçu de forma covarde por alguns homens que estavam bebendo em um bar no calçadão, quando o Ghetto passou por eles, ao que começaram os ataques xenofóbicos e racistas, chegando a quebrar uma garrafa de cerveja no estudante.

A notícia teve uma repercussão nacional, chegando até mesmo a presidenta Dilma Rousseff, que na época estava em exercício do cargo, se solidarizar com a vítima através de suas redes sociais. Mediante a esse cenário, o Afoxé teve um papel fundamental de organizar um ato em solidariedade ao estudante, contra o racismo, a xenofobia e outras formas de violência.

⁵⁰https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=6518 e <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/05/16/dilma-se-solidariza-com-haitiano-agredido-em-foz-do-iguacu-por-questoes-politicas.htm>.

Sobre o bairro do Morumbi⁵¹ temos os dados trabalhados do RIBEIRO (2017):

Outra região periférica da cidade é o São Francisco (Morumbi), posição geográfica (leste) R-03, que conta com a maior densidade populacional do município, aproximadamente 45 mil habitantes. Região formada, em grande proporção, por uma população de origem rural (RIBEIRO, 2017, p.172).

Dados de 2016 do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável (PDDIS) reportam:

População Estimada: 48.830 habitantes: Região limitada ao norte pela BR-277, a oeste com a Rua Iapó e Rio M'Boicy, a leste com o Rio Tamanduazinho e ao sul com a Avenida República Argentina. (PDDIS, 2016, p.91).

E ainda se utilizando das reportagens do *Jornal Nosso Tempo* traz alguns aspectos sobre o histórico do bairro:

O Rincão São Francisco, é provavelmente o maior bairro do interior do Paraná. Bairro distante, localizado a 8 km do centro de Foz do Iguaçu-PR, formado praticamente por três grandes loteamentos: Morumbi I, II e III e atualmente está emendando com o quarto, o Portal da Foz. Nascido de mais um erro da administração Clóvis Cunha Viana, que autorizou o loteamento no fim do mundo, para favorecer uma imobiliária. O rincão serviu para atender os milhares de trabalhadores da Itaipu. Período em que se tornou relativamente uma área próspera. (...), mas hoje a situação é diferente: de cada dez pessoas que a gente encontra quatro estão desempregadas, garante Antônio das Graças vereador do Bairro. Formado em sua maioria por uma população de baixa renda o rincão apresenta seríssimos problemas. Alta taxa de mortalidade infantil, falta de assistência médica, ruas em péssimos estados, coletivos precários. (Ibidem edição 77, 14 de julho 1983, p.9) (RIBEIRO, 2015, p.173).

É importante colocar que no mês de abril do presente ano de 2021, Mãe Marina veio a fazer sua travessia, sendo assim, todo o povo de santo, movimentos sociais e a luta antirracista e por igualdade racial, bem como a

⁵¹Sobre o nome de Morumbi ver <http://blogdefoz.blogspot.com/2011/02/o-morumbi-bairro-tematico-de-foz-do.html>.

sociedade de Foz do Iguaçu, perderam uma valorosa referência e ímpar combatente.

3. FRONTEIRAS: DESENVOLVIMENTO, DEPENDÊNCIA E EXPROPRIAÇÕES

Este capítulo tem por objetivo retratar, à luz das imagens analisadas, a trajetória histórica da superexploração da força de trabalho inerente à condição de dependência do capitalismo latino-americano.

3.1. O TERRITÓRIO TRICONTINENTAL: UM RETRATO DA DEPENDÊNCIA

Valendo-me das contribuições do intelectual militante martinicano-argelino Frantz Fanon, na monumental obra *Os Condenados da Terra*, reitero que o estudo proposto, assentado na concepção viva de história em movimento e de imersão na luta de classes do território, explicita a manutenção de ordem mercantil, e a vida urbano-industrial como

[...] a cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê (FANON, 1961, p. 29).

Ao escrever sobre o processo revolucionário ocorrido na Argélia dos anos 1960, na qual o povo argelino se insurgiu contra as atrocidades do colonialismo francês, Fanon explicita o sentido violento manifestado pelas anexações coloniais passadas e presentes, o que torna suas palavras ainda válidas no desenvolvimento do capitalismo vivenciado em diversas partes do mundo, a exemplo de Foz do Iguaçu. Porque o capital é uma totalidade que se explicita na diversidade de composições desiguais que conformam as particularidades históricas (MARX, 2008).

Foz é um espelho, reflexo parametral da aparência e da essência orquestradas pelo capital (HARVEY, 2014). Existe uma cidade que é para turistas, que é um pilar econômico da cidade irradiado pelo poder econômico de

Itaipu, uma cidade para ser vista e vivenciada a partir da circulação do dinheiro para o entretenimento. Uma cidade cartão postal. Vitruviana de compra e venda de bilhetes. Nos termos de Fanon (2005, p.55) “A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleta de boas coisas.” Sendo assim, existem várias cidades dentro da cidade, vão se criando as fronteiras entre as partes da cidade em que se sobrevive e outra que está à venda para se vivenciar desde que se tenha dinheiro, fetiche supremo da sociedade do espetáculo (Debord, 2003).

Mas existe no mesmo espaço-tempo das trocas um outro viver nas cidades que, por mais que sejam empurrados para trás dos muros, para longe das vias de acesso turístico, existe, resiste e insiste em sobreviver: a cidade dos populares. Essa que cresce de forma exponencial, originada do movimento de exclusão próprio do capital: a cidade e os populares.

Por estar situado numa região fronteira, a palavra fronteira é bastante comum no vocabulário local. Desta forma, a pretensão é ir para além do sentido geográfico. Ancorado nas considerações feitas pelo sociólogo militante José de Souza Martins (2009) na obra *Fronteiras: A degradação do Outro nos confins do Humano*, ao afirmar, ampliando o conceito, que o termo

[...] é a fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira de civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteiras de etnias, fronteiras da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, a *fronteira do humano* (MARTINS, 2009, p. 11).

Na mesma linha de ampliação do entendimento de fronteira, Korol expressa que é o espaço-tempo das lutas territoriais. Ou seja, (KOROL, 2008):

La frontera es una noción compleja. Las fronteras establecidas desde las hegemonías consagradas en cada tiempo histórico, trazan límites y demarcaciones que condicionan las vidas de l@s subordinad@s a las mismas. Resultado de guerras violentas, de variadas negociaciones de las fracciones de poder; las fronteras se vuelven también -en determinadas circunstancias- argumentos y/o espacios de resistencia de proyectos de autonomía, frente a los poderes imperialistas, y a

la universalización del capitalismo trasnacional (KOROL, 2008, p.10)

Este trabalho pretende, a partir do problema que demarca, reforçar com base partir nas categorias-imagens, histórias não contadas pela história institucional, que pretende ser oficial , ou contar *Historias que aún no son todavía historias* como já escreveu o antropólogo mexicano Bonfil Batalla(2005). Ir na contramão da história institucional que pretender ser oficial disseminada pelos ideólogos do desenvolvimento da região e seus meios de divulgação, a exemplo das propagandas midiáticas e imagéticas, realizadas com muito recurso econômico a partir da empresa estatal Itaipu Binacional consolidada na década de 1970.

É interessante destacar que a história dos visíveis trabalhadores em condições periféricas invisibilizados pelas propagandas *Foz do Iguaçu - Destino do Mundo (2010)* e *Foz do Iguaçu - Destino do Mundo (2016)* ocultam a história cotidiana de um número expressivo de sujeitos que na sua condição diária de trabalho e moradia produzem histórias ocultas pela história oficial-institucional. Passam à margem até que irrompem como grito de necessidades sociais de uma região de fronteira.

Assim, este trabalho se assenta na constatação de que a realidade da região trinacional apresentada em documentos oficiais do complexo turístico e industrial, de onde emanam as principais fontes de arrecadação da municipalidade de Foz do Iguaçu, expressa-se em textos e imagens que têm como referência as teorias hegemônicas do desenvolvimento. Estas teorias historicamente inviabilizam, periferizam e, não menos importante, tendem a transformar os bairros operários e as ocupações urbanas em estereótipos de criminalização contínuo na história da região. Neste trabalho, os bairros operários, como a Vila C, e as ocupações urbanas-rurais, como Bubas e Congonhas, apresentam-se como a contraface sistêmica de uma história vivida mas não contada nem pelos meios, muito menos pelos próprios sujeitos que a protagonizam. Entendemos, portanto, o território de vida das e dos trabalhadoras

e trabalhadores deste bairro e ocupações, oriundos de diversas regiões, como expressão da desigualdade real de um sistema que não está feito para muitos e a confirmação de que, na realidade concreta, os sujeitos sobrevivem, resistem, e criam belezas para além da tristeza manifesta pela real condição de exclusão.

Tabela 2 - População Paranaense segundo cor/raça - 2010

Cor/Raça	2010
Branca	7.387.309
Parda	2.647.895
Preta	328.949
Amarela	124.279
Indígena	25.787
Sem Declaração	307
Total	10.444.526

Fonte: IBGE, 2010

Tabela 3 - Dados populacionais de Foz do Iguaçu (IBGE)

Raça ou Cor	Número Total	Homens	Mulheres	Com renda menor que 1 salário-mínimo	Alfabetizados
Branca	162.593	77.630	84.963	24.498	141.478
Preta	9.170	4.094	4.266	2.196	7.866
Amarela	3.550	1.726	1.824	512	3.209
Parda	80.366	39.746	40.620	16.524	68.482
Indígena	406	210	196	115	339

Não declarado	3	2	1	-	3
Total	256.088	124.218	131.870	43.845	221.377

Fonte: Elaborada por SOUZA e SANTOS (2017) com base nos dados do IBGE de 2010.

Tabela 4 - Distribuição da população total e por cor/raça segundo mesorregião geográfica – Paraná – 2010

Mesorregião Geográfica	Cor/Raça					
	Distribuição (%)					
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total
Noroeste Paranaense	5,4	8,0	6,4	9,3	2,6	6,5
Centro Ocidental Paranaense	2,7	3,5	2,9	4,6	1,6	3,2
Norte Central Paranaense	18,7	23,0	36,5	20,4	22,5	19,5
Norte Pioneiro Paranaense	5,1	7,1	7,0	5,2	7,0	5,2
Centro Oriental Paranaense	7,0	5,9	3,2	5,9	6,1	6,6
Oeste Paranaense	11,5	10,8	9,4	12,4	12,0	11,7
Sudoeste Paranaense	5,1	3,0	2,4	4,2	4,7	4,8

Centro-Sul Paranaense	4,9	4,7	3,9	6,1	22,1	5,2
Sudeste Paranaense	4,3	2,2	1,3	2,9	1,7	3,9
Metropolitana de Curitiba	35,3	31,8	27,1	29,0	19,8	33,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaborada por DELGADO (2018) com base nos dados do IBGE de 2010.

SARGES (2017) nos ajuda a compreender os dados apresentados com a seguinte leitura:

Estes números nos mostram que do total de 256.088 habitantes de Foz do Iguaçu, 89.536 da população total da cidade se autodeclararam pretas ou pardas, o que equivale a mais de 36% da população local. Estes dados apresentam uma cidade com características diversas em sua composição étnico-racial, desmistificando assim a imagem relacionada a uma região Sul amplamente branca. (SARGES, 2017, p. 16)

A propaganda difundida pelos setores turísticos e comerciais de que Foz do Iguaçu é composta com mais de 80 etnias⁵², remetendo à ideia de que aqui a relação entre essas diferentes etnias seria harmônica e que seria ao mesmo tempo a terra de oportunidades iguais a todos, que nos leva ao mito da democracia racial, ideia essa criticada e desmontada pelos principais nomes da intelectualidade negra brasileira como Abdias do Nascimento (1978), Clóvis Moura (2011), Lélia Gonzales (1979), Beatriz Nascimento (2006) e José Rufino dos Santos (1988). Por sua vez, DOMINGUES (2005) destaca alguns pontos em seu artigo sobre o tema:

⁵²Por exemplo: <https://www.hoteltarobafoz.com.br/uma-cidade-cosmopolita-foz-do-iguacu-chama-atencao-por-suas-etnias/>.

As raízes históricas do mito da democracia racial remontam ao século XIX, impulsionadas: a) pela literatura produzida pelos viajantes que visitaram o país; b) pela produção da elite intelectual e política; c) pela direção do movimento abolicionista institucionalizado; d) pelo processo de mestiçagem. (DOMINGUES, 2005, p. 119).

Cabe o destaque que DOMINGUES (2005) nos traz sobre a obra de Gilberto Freyre que é associada ao mito por fazer sua defesa:

O lançamento de Casa-Grande & Senzala teve menos importância pela originalidade das proposições colocadas e mais pela capacidade de canalizar a representação popularizada das relações entre negros e brancos do país e transformá-la na ideologia racial oficial. Entre 1889 e 1930, em São Paulo, o sentido de democracia racial, no plano das idéias, era senso-comum. Portanto, Gilberto Freyre não fundou o mito da democracia racial, mas o consolidou, elevando ao plano considerado científico um imaginário das relações raciais, fortemente arraigado no pensamento nacional.

Com esses elementos nos cabe perguntar se essas mais de 80 etnias se refletem nos diversos espaços sociais – em nosso caso particularmente em Foz do Iguaçu, espaços esses como as ocupações, favelas, bairros populares e nos setores de trabalho terceirizados, informais e ilegais. Será que tal alegação se mantém?

3.2. DAS FOTOGRAFIAS-PONTES ÀS FOTOGRAFIAS-VIVAS: A MEDIAÇÃO DA DEPENDÊNCIA COMO FRONTEIRA

O que todas estas imagens-pontes, sendo imagens-vivas de um século repleto de crises e conflitividades inerentes ao modo de produção mercantil, nos revelam de um debate estrutural latino-americano? São o retrato de uma ordem de exceção, ou são o contínuo de uma história tecida na dinâmica estrutural do desenvolvimento desigual e combinado, cujo papel da América Latina e do Caribe na divisão internacional do trabalho é a da dependência condicionada pela particularidade da superexploração e do pauperismo?

Na década 1960 e 1970, vivendo o exílio forçado regido pelo processo de ditadura vigente no Brasil, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos partem para a luta histórica em outras partes da América Latina. No Chile, na América Central e, posteriormente, no México, encontram abrigo e se refazem como seres sociais, em meio a um continente mediado por reformas-ditatoriais e revoluções. Deste contexto nasce a *Teoria Marxista da Dependência* (LUCE, 2018; TRASPADINI/STÉDILE, 2005).

Como salientado na apresentação de *Ruy Mauro Marini – vida e obra*, produzido por Traspadini e Stédile (2005):

A dependência, no enfoque marxista de Ruy Mauro Marini, é entendida como uma relação de subordinação própria da forma como o capital e os interesses de seus donos se internacionalizam de maneira cada vez mais integrada e intensificada. A dependência é, assim, o mecanismo central de subordinação do território, do espaço, dos sujeitos, dos países subdesenvolvidos, como forma de perpetuação do poder de reprodução do capitalismo na esfera internacional. O subdesenvolvimento e desenvolvimento são entendidos como processos indissociáveis e necessários para a evolução internacional do modo de produção capitalista (TRASPADINI; STÉDILE, 2011, p.32)

A dependência, ao integrar a totalidade desigual da dinâmica geral de produção e apropriação da riqueza social acumulada na forma de capital. A América Latina integra a fase mais avançada de produção de valor (imperialista, segundo Lênin (2011) e reforça a necessidade histórica das burguesias nacionais, nesse caso específico latino-americano a burguesia agrária, em conformar mecanismos internos de compensação para sua posição periférica no âmbito internacional. Nesse sentido, se no âmbito geral a exploração capitalista é a célula propulsora da riqueza capitalista, no processo particular de pulsão da desigualdade na América Latina, a superexploração se apresenta ao mesmo tempo como compensação e condicionante estrutural. Ou seja,

A superexploração é um mecanismo particular desenvolvido pelas capitalistas da América Latina para reverter sua perda de lucro na relação de dependência com o mundo, quando o mesmo mecanismo se caracteriza pela centralização do poder nas mãos

dos grandes mandatários do capital, provenientes das economias tecnologicamente mais desenvolvidas. A superexploração é a principal categoria desenvolvida por Marini para explicar a particularidade histórica que cumpre a América Latina no âmbito geral de reprodução do capital. (TRASPADINI; STÉDILE, 2011, p.32).

Nos termos de Marini, são três as condicionantes de nossa formação social e histórica que permitem a expropriação em níveis ainda mais violentos quando da dinâmica capitalista se trata:

Vimos que o problema colocado pela troca desigual para a América Latina não é precisamente o de se contrapor à transferência de valor que implica, mas compensar a perda da mais-valia, e que, incapaz de impedi-la no nível das relações de mercado, a reação da economia dependente é compensá-la no plano da produção interna. O aumento da intensidade do trabalho aparece, nessa perspectiva, como um aumento da mais-valia, obtido através de uma maior exploração do trabalhador e não do incremento de sua capacidade produtiva. O mesmo se poderia dizer da prolongação da jornada de trabalho, isto é, do aumento da mais-valia absoluta na sua forma clássica; diferentemente do primeiro, trata-se aqui de aumentar simplesmente o tempo de trabalho excedente, que é aquele em que o operário continua produzindo depois de criar um valor equivalente ao dos meios de subsistência para seu próprio consumo. Deve-se assinalar, finalmente, um terceiro procedimento, que consiste em reduzir o consumo do operário mais além do seu limite normal, pelo qual “o fundo necessário do consumo do operário se converte de fato, dentro de certos limites, em um fundo de acumulação de capital”, implicando assim em um modo específico de aumentar o tempo de trabalho excedente (MARINI, 2011, p.148).

As fotos trabalhadas desde o início não nos revelam, causalmente, a trajetória histórica do capitalismo dependente? Portanto, da superexploração da força de trabalho e da expansão, ao longo dos últimos quase 200 anos, se contada a análise da independência formal do Brasil, do pauperismo e dos homens e mulheres excluídos/as inclusive do exército industrial de reservas? Seriam retratos de um movimento estrutural ou apenas um processo conjuntural capaz de ser facilmente revertido?

Sustento neste trabalho que são retratos de um movimento causal, intencionalmente condicionado para a processualidade das escravidões, a partir

da lógica da propriedade privada da terra (latifúndio-monocultivo) e do trabalho livre sem direitos sociais garantidos.

Cabe reforçar também a diversidade da desigualdade que compõe o desenvolvimento capitalista na América Latina a partir das guerras de independência. As economias do tipo A, segundo Bambirra (2019), aquelas cujo desenvolvimento industrial é anterior a 1930, como Argentina, Brasil e México, desenvolveram, na relação de uma integração capitalista, o mesmo movimento violento traçado pelas economias imperialistas sobre elas. Assim, integrar será sinônimo de violentar fronteiras, exterminar sujeitos (guerra do Paraguai) e conformar uma geopolítica de dominação territorial sobre o Cone Sul. É desta constatação da estreita conexão que há entre o imperialismo e as economias mais avançadas do continente, de 1960 em diante, que Marini estruturará a categoria subimperialismo.:

[...] em sua dimensão mais ampla, o subimperialismo não é um fenômeno especificamente brasileiro nem corresponde a uma anomalia na evolução do capitalismo dependente. É certo que são condições próprias à economia brasileira que lhe permitiram levar longe sua industrialização e criar inclusive uma indústria pesada, assim como as condições que caracterizam sua sociedade política, cujas contradições deram origem a um Estado militarista do tipo prussiano, as quais deram lugar no Brasil ao subimperialismo. Porém, não é menos certo que este [o subimperialismo] é tão somente uma forma particular que assume a economia industrial que se desenvolve no marco do capitalismo dependente (MARINI, 1973, p.76).

O subimperialismo: o papel que as economias subdesenvolvidas executarão com relação às demais economias na mesma situação, a partir da forma como se estabelecerá a divisão internacional do trabalho. Em outras palavras, a forma como os principais países do continente reproduzirão no interior de suas economias, e no jogo com as demais economias subdesenvolvidas, os mesmos mecanismos de dependência e exploração executados pelos capitalistas dos países desenvolvidos com relação a América Latina (TRASPADINI; STÉDILE, 2011, p. 3).

Essa condicionante estrutural de atuação das economias dependentes no interior do continente reifica as práticas históricas de economia da guerra, manifestas na atuação concreta dos capitais monopolistas no que diz respeito à

economia política latino-americana. A cientista política *paraguaya* Cecilia Vuyck, uma especialista no debate da dependência latino-americana, ao reforçar o subimperialismo brasileiro sobre o *Paraguay*, em especial à luz da relação binacional, desigual, de Itaipu, reforça que

El 26 de abril de 1973, en el marco de la crisis del capital monopólico financiero en su fase imperialista (Lenin, 2003; Regalado, 2012), la exportación de capitales y la lucha de los monopolios por la apropiación de territorios y materia prima (Lenin, 2003), la Guerra Fría con la política de coexistencia pacífica entre el bloque soviético y Occidente (Creydt, 2017), la llegada del Brasil a la fase subimperialista (Creydt, 2004; Marini, 1977) y las dictaduras cívico-militares tanto en Paraguay como Brasil -que cumplieron el rol de realizar los ajustes estructurales que el capitalismo en su fase imperialista en crisis requería (Marini, 1978), el Gral. Alfredo Stroessner y el Gral. Garratazsu Médici firman el Tratado de Itaipú. El mismo establece el control del Estado brasileño y -a través de éste- de los monopolios y capitales imperialistas y subimperialistas brasileños y asentados en Brasil sobre la producción de energía hidroeléctrica en la entidad constituida a partir del Tratado, consolidando la dependencia paraguaya del Brasil (Creydt, 2004; Vuyk, 2015) (VUYK, 2019, p. 365).

O ano de 2023 será, portanto, o momento da revisão deste acordo desigual, tanto no consumo, como no preço da energia para ao Paraguai pelo Brasil. Nesse sentido, a fronteira demarca o poder geopolítico e geomilitar do Estado brasileiro sobre a região, em especial via atuação violenta do capital estatal brasileiro sobre os territórios da fronteira.

Desenvolvimento e dependência demarcam, no Brasil e na América Latina em geral, e na região de fronteira entre Brasil-Paraguai-Argentina em particular, a história da superexploração, do subimperialismo e da condicionalidade, de ambos, na expropriação da terra, da cultura, da vida dos povos destes territórios. Itaipu binacional é um exemplo notório da desigualdade estrutural capitaneada pelo Estado brasileiro tanto no período coercitivo de ditadura, como na produção imaginária do consenso de um desenvolvimento que deu certo na aparência turística da região.

Ernest Mandel, em *Capitalismo Tardio* (1982), reforça a dimensão da dependência quando explicita o caráter bélico da manutenção da ordem

mercantil, como necessidade fisiológica do capital de perpetuar seu poder como modo de produção hegemônico, seja na fase da hegemonia britânica, seja na dos Estados Unidos e, podemos agregar, inclusive na atual fase da hegemonia chinesa, via rota da seda. Na assertiva construção de Mandel (1982, p. 259):

neocolonialismo ou neoimperialismo não muda essa diferença de desenvolvimento ou produtividade, assim como não elimina, de maneira alguma, a “troca desigual”. Ao contrário, as fontes da exploração imperialista metropolitana das com mais abundância do que nunca. Houve apenas uma dupla mudança de forma: em primeiro lugar, a distribuição dos superlucros coloniais iniciou um declínio relativo da transferência de valor por meio da “troca desigual”. Em segundo lugar, a divisão internacional do trabalho dirige-se lentamente para a troca de bens industriais leves por máquinas, equipamentos e veículos além da troca desigual “clássica” de gêneros alimentícios e matérias-primas por bens de consumo industrializados.

Mandel reitera a história das expropriações inerentes ao metabolismo do capital em sua fase imperialista. Isto significa dizer que nossa formação social e histórica revela, no presente, um passado que insiste em manter-se vivo na conformação violenta sobre determinados corpos, sujeitos, desterritorializando-os, criminalizando-os, invisibilizando-os como política de desenvolvimento. Gorender, em *Modo de produção escravista colonial*, reitera que (1988, p. 51):

O primeiro ato *humano* do escravo é o *crime*, desde o ato contra o senhor à fuga do cativeiro. Em contrapartida, ao reconhecer a responsabilidade *penal* dos escravos, a sociedade escravista os reconhecia como homens: além de incluí-los no direito das coisas, submetia-os à legislação penal. Essa espécie de reconhecimento tinha, está claro, alto preço. Os escravos sempre sofreram as penas mais pesadas e infames. As mutilações não só foram previstas pelo direito romano como também pelo Código Filipino português e pelas várias legislações penais das colônias, num momento ou noutro, inclusive o Brasil. Mas a pena mais cruel, justamente por ser uma pena, implicava o reconhecimento de que se punia um ser humano.

Nos aponta SABINO DE SOUZA (2020)

A formação sócio-histórica latino-americana tem, no seu cerne, o racismo. Ele foi transformado numa força ideológica fundamental para a garantia da estrutura desigual que proporcionaa produção do valor nos territórios que, uma vez colonizados, só puderam se estabelecer num capitalismo dependente, subordinado à dinâmica das nações imperialistas. Conforme aponta Clóvis Moura (1994, p.2), “o racismo tem, portanto, em última instância, um conteúdo de dominação, não

apenas étnico, mas também ideológico e político”. Nesse sentido, o racismo persiste na estrutura das relações de produção e reprodução social nesta sociedade, cindida pela superexploração e pela desigualdade como elemento fundamental para estruturação das relações que possibilitam a organização social da extração da mais-valia. (SABINO DE SOUZA, 2020, p.38).

O racismo é, no capitalismo dependente, uma determinação fundamental na racionalização dos desníveis sociais, criados pela apropriação dividida da riqueza entre as classes dominantes internas e externas. Ele antecede a organização capitalista do trabalho, nesse território, e confere sentido às ações das classes dominantes internas na tentativa de defender seu status quo diante da dominação externa. Criado pela dominação colonial clássica, o racismo foi reproduzido pela dominação imperialista (LENIN, 2012), que, por si mesma, é a criação de novas formas de colonialismo. O imperialismo potencializou, como arma ideológica de dominação (MOURA, 1994), as ideias pseudocientíficas de inferiorização dos dominados. (SABINO DE SOUZA, 2020, p.60).

A assim denominada Tríplice Fronteira demarca, pois, conflitividades manifestas na territorialidade dos Estados nacionais, e os capitais, contra os povos. Expõe, assim, as fronteiras do abuso, desumanas e mercantis, contra a digna condição de pertencimento, autonomia, produção material e subjetiva de vida dos povos que então habitavam a região e produziam na mesma um outro sentido, um outro significado, para a vida.

3.3. AS FRONTEIRAS CANTADAS

Composições escritas entre 2016 e 2019 entre uma prosa e outra com diversos sujeitos que compõem as comunidades citadas nesse trabalho. Destaco em especial meu companheiro Seu Jairo, por ter sido geralmente o primeiro a escutar, incentivar, arranjar e validar as mesmas. Tais composições, que aspiram a ser tornar samba, a cair na boca do povo de forma natural têm letras e melodias que tomaram forma para somar de alguma forma na luta cotidiana da classe trabalhadora nessa região.

Eu não tô de bobeira (Paulo Silva)⁵³

É tanta gente morando em barraco,
fugindo do triste aluguel.
É mais uma estrela,
pro luxo tremendo
de mais um hotel.

**Eu não tô de bobeira,
nem vim a passeio,
nem tô de viagem.
Eu vim a trabalho, seu moço,
também,
pertença a cidade.**

Moro distante tudo,
com minha gente
que é tão sofrida,
que tem muito orgulho
de ser honesta e trabalhadora.

O luxo é pra quem acumula
em cima de quem tanto trabalha
Enquanto eu construo a riqueza
minha vida é precária.

Terra Vermelha (Paulo Silva)⁵⁴

Canto o sorriso no rosto
de uma criança, senhor e senhora,
dessa gente amiga
que mora lá na Cidade Nova.

**Olha, que terra vermelha,
que corre a criança
que embeleza o lugar,
Olha, real maravilha,
a beleza do povo,
você vai encontrar.**

E essa gente valente, que é pura gana que
ainda sonha.

54 Para ouvir: <https://m.youtube.com/watch?v=zoUn7ejR7w4>.

Tão hospitaleira,
que se encontra no Bubas ou lá no Congonhas.

Não foge da raia essa gente, que te procedê,
que determinada,
que vence na raça,
é lá do Congonhas ou da Lagoa Dourada.

Gente que faz do lugar
um bom lugar pra se viver,
essa gente querida,
que me acolheu aqui
na Vila C.

Quando a pedra cantou (Paulo Silva)⁵⁵

As águas que uniam,
progresso veio separar.
As águas se encheram de ódio
contra o povo do lugar.

Quantas vidas alagadas
pelo medo.
Quantas memórias afogadas
pelo terror.

Injustiças convertidas em
proezas.
Se fizeram quando a pedra
cantou.

Brava Gente (Paulo Silva)⁵⁶

Vierem de tantos lugares
com a cara e a coragem
simplesmente.
Tantas hábitos e modos,

55

Para

ouvir:

https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1219985928376008&id=100010938377378

56 Para ouvir: <https://m.youtube.com/watch?v=Ws5uBWmriSo>.

até línguas diferentes,
de longe ou de perto,
daqui ou de lá,

A dura sina
foi a mesma,
trabalhar,
trabalhar,
trabalhar.

Se toda essa água,
é transformada em energia potente,
já foi um dia o suor tão derramado
de toda essa brava gente.

Cidade das Maravilhas (Paulo Silva)

Cidade das Maravilhas,
que parecem que
brotam do chão.
Ninguém fala
de fato de quem
constrói a riqueza
de toda nação.

**O suor de quem que desceu?
E os braços de quem construiu?
A ponte que une o Paraguay ao Brasil.**

Prova de Amizade (Paulo Silva)⁵⁷

A quem me estendeu a mão,
no dia da adversidade.
Da chuva e do frio
me abrigou,
como prova de amizade.
A você que dividiu
o pão,

e partilhou o pouco
que tinha.

Transformou em alegria
aquela dor.
E me disse assim
essa dor que é sua
também é minha.

Sou da Vila C (Paulo Silva)⁵⁸

Não sou da Vila A,
tampouco da Vila B.
Sou da Vila mais querida,
sou da Vila C.

Maria Muamba (Paulo Silva)⁵⁹

Maria cai na estrada
outra vez
onde se ganha o pão,
também leva a criança.
Maria do caminho incerto,
tá na corda bamba,
leva sua mercadoria,
que no popular
se chama muamba.

Maria se põe a pensar;
quem é dono de quem,
as coisas são livres

58 Para ouvir: <https://m.youtube.com/watch?v=JVRFSLvmJWg>

59

https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=761881477519791&id=100010938377378. Destaco que essa composição foi trilha sonora do curta-metragem *Desaniversario*, produzido por estudantes do curso de Cinema da Unila em 2019. <https://www.facebook.com/desaniversariofilme/videos/desanivers%C3%A1rio-o-filme/2422888084424484/>

e eu sou o refém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

La información es libre

*Con el tiempo
 desde la escuela tratarán de “educarte”
 -es decir: domesticarte-
 por suerte hay medios para evitar la trampa.
 Te dirán que el mundo
 se divide entre vivos y tontos.
 Nada más falso, niño mío.
 En el hombre sólo hay dos alternativas:
 es libre o no lo es.
 Con esto quiero decir
 que eres tú quién decide.
 Es tan sucio el que pone las cadenas
 como el que las acepta como algo sin remedio.
 Cuando asistas a la universidad
 ten presente
 que manos de albañiles la construyeron,
 que detrás de cada libro
 hay manos de tipógrafos que, aunque no te conocen,
 piensan en tí en cada letra que colocan,
 que detrás de una regla de cálculo,
 de una probeta
 y hasta del lápiz que ocupes: hay manos obreras.
 No los defraudes volviéndoles la espalda.
 Si algún día te toca
 anteponerle a tu nombre
 la palabra “doctor” o “licenciado”
 que no sea para estar en alianza con el gangster.*

Jaime Suárez Quemain⁶⁰

No estudiamos con el propósito de acumular conocimientos estáticos y sin contenido humano. Nuestra causa como estudiantes es la del conocimiento militante; refuta y transforma, revoluciona la realidad social, política, cultural, científica.

José Revueltas⁶¹

60 Jaime Suárez Quemain (1949-1980), poeta salvadoreño. <https://circulodepoesia.com/2012/11/poesia-y-guerrilla-en-el-salvador-jaime-suarez-quemain/>

61 José Maxiliano Revueltas Sánchez (1914-1976), escritor e revolucionário mexicano. Dados biográficos: https://www.ecured.cu/Jos%C3%A9_Revueltas

A intenção de uso das imagens foi a demonstrar que a fronteira é movimento contínuo e inerente à luta de classe. No caso desse trabalho, a fronteira principal é a do popular, protagonista da sua própria resistência e existência e da luta social e do tensionamento das expulsões históricas.

As categorias História, Trabalho, Fronteira, Fotografia e Popular apresentaram-se também como movimento reflexivo a partir da análise investigativa do real vivido. Abrem, ao invés do ponto final, muitas reticências reflexivas acerca daquilo que ainda está por vir. A força da categoria é dada pela realidade concreta. E, como tal, nossa realidade, captada pelas imagens analisadas ancoradas nas categorias vinculadas ao pensamento marxista internacional e latino-americano, têm como função um exercício de construção de pontes populares entre a diversidade que compõe a classe trabalhadora da região.

As pontes do capital foram erigidas com seus nomes fantasia de Amizade e Fraternidade, mas na realidade vivida pelos sujeitos concretos, estas pontes, com primazia para a circulação de mercadorias, atuam inversamente, dada a centralidade do mundo do capital, frente à realidade de sobrevivência do âmbito dos trabalhadores.

Cabe destacar que a proposta contida nessa trabalho de encontrar e fomentar unidade entre a diversidade entre as formas de comunidade e movimentos sociais na região, é algo longe de ser inaugural, esse trabalho tem a pretensão de contribuir conjuntamente aos trabalhos publicados e na discussão sobre o tema, ABINZANO (2008) destaca o papel do Foro Social de la Triple Frontera

El Foro Social de la Triple Frontera fue el primero en su tipo, por su problemática central. Poseyó diversas instancias de realización que pueden agruparse en las siguientes actividades: actos y movilizaciones públicas, mesas redondas con invitados especiales, comisiones temáticas de trabajo, culturales, reuniones informales entre agrupaciones u organizaciones, etc. La concurrencia fue muy numerosa aunque preponderantemente argentina ya que una falla de la organización fue no haber organizado el evento en forma conjunta. Si bien durante los preparativos estuvieron presentes representantes de organizaciones de

Brasil y Paraguay la concurrencia de estos fue poco significativa numéricamente hablando. (ABINZANO, 2008, s.p.).

As contribuições apresentadas nesse trabalho foram produções em sua maioria realizadas na UNILA e Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Em especial, as contribuições de BORGES (2003) destacadas nesse trabalho foram de suma importância, pois evidenciam o papel da imagem e do engajamento político daquele que fotografa na disputa da história ou na conformação das histórias.

É imprescindível destacar o seguinte

O historiador brasileiro tem um compromisso ineludível com a sociedade na qual vive e age. O seu papel é o de pôr as duas capacidades profissionais a serviço das tarefas sociais que impõe à coletividade da qual forma parte. Haverá alguma dúvida a respeito de tais tarefas num país dependente e marcado por desequilíbrios e injustiças sociais tão flagrantes? A História “nova”, com seu caráter de História-problema, com o seu enfoque globalizante ou estrutural, com a sua ênfase no coletivo, no social, convém muito mais à elaboração de pesquisas históricas e a um ensino de História que possam representar uma contribuição válida dos historiadores brasileiros ao necessário esforço de superação da situação vigente, do que a velha História narrativa, patriótica, enaltecida de falsos heróis e criadora de mitos que cumprem exatamente uma função preservadora das estruturas em vigor, através dos mecanismos de hegemonia ideológica. Por isto mesmo, a renovação das suas perspectivas, uma redefinição profissional adequada, constituem para o historiador brasileiro um objetivo importante: trata-se nada menos do que adquirir as ferramentas teórico-metodológicas que lhe permitam cumprir, profissionalmente e efetivamente, a sua função social (CARDOSO, 1981, p.109).

Esse apontamento de CARDOSO (1981), à luz dos debates e proposições críticas por parte dos movimentos feministas, mais do que justo, merece uma atualização onde se lê “historiador brasileiro” para “toda pessoa que tem como seu ofício a escrita da História”. Fazendo essa primeira mediação, a feitura desse trabalho se pretende corroborar com esse compromisso.

Mediante essas palavras iniciais, espero que os aportes apresentados nesse trabalho possam contribuir na seara de estudos já realizados desde a perspectiva da crítica da economia política, a centralidade da luta de classes e

do popular na região. Trabalhos esses que qualificam a discussão e subsidiam os movimentos sociais numa leitura crítica da realidade vivida. Esse trabalho foi um primeiro esforço na forma acadêmica de se elaborar uma discussão qualificada articulando algumas categorias chaves conforme já foram percorridas nos capítulos anteriores. Através da fotografia, buscamos criar uma narrativa de unidade das diversas temporalidades impressas pelos múltiplos sujeitos sociais nos territórios descritos.

Fotografia 26 - Ocupação Congonhas



Fonte: PAULO SILVA, 2019

Das margens do Rio Paraná e Iguaçu, das margens da cidade transformada em mercadoria, ainda que a duras penas, tem se produzido também a beleza e construído novos sentidos de ser e estar no mundo. O poeta salvadorenho Roberto Armijo⁶², em umas das suas obras, já nos asseverou o que aqui reafirmamos como compromisso: *Los niños nos exigen un mañana*⁶³.

62 Roberto Armijo, poeta salvadorenho. https://www.ecured.cu/Roberto_Armijo

63<http://www.poetaspoemas.com/roberto-armijo/los-ninos-nos-exigen-un-manana>

REFERÊNCIAS

Notícias e Artigos de Jornais:

ANGILELI, Cecília; HONORIO, Karen; TRASPADINI, Roberta. Unila: Ação e reflexão para integração regional. **Brasil de Fato**. Foz do Iguaçu, jul 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/07/19/artigo-or-unila-acao-e-reflexao-para-a-integracao-regional/>> . Acesso em: 03 jun 2021.

LAGE, Nilmar. A Ocupação Bubas, em Foz do Iguaçu. **A Publica**. Foz do Iguaçu, fev 2018. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/02/a-ocupacao-bubas-em-foz-do-iguacu/>>. Acesso em: 03 jun 2021.

PARO, Diana. Com poucas bibliotecas nos bairros, estímulo à leitura é desafio em Foz do Iguaçu, 31/01/2021. **H2FOZ**. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/cultura/com-poucas-bibliotecas-nos-bairros-estimulo-a-leitura-e-desafio-em-foz-do-iguacu/>>. Acesso em: 06 jun 2021.

SOARES, Bruno. Bubas: 5 anos de ocupação e resistência. **Brasil de Fato**. Foz do Iguaçu. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-or-bubas-5-anos-de-ocupacao-e-resistencia> . Acesso em: 03 jun 2021.

SUASSUNA, Ariano. A favela e o arraial, 27/04/1999. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz27049907.htm>>. Acesso em: 06 jun 2021.

Artigos Científicos:

ABÍNZANO, Roberto C. Las categorías Imperio e Imperialismo: Las cosas por su nombre. **La Rivada Dossier**, Misiones, v.2, n.32, p.13-25, ago 2014. Disponível em: <http://www.larivada.com.ar/index.php/ediciones-antteriores/33-numero-2-octubre-2014/dossier-2/52-las-categorias-imperio-e-imperialismo-las-cosas-por-su-nombre> Acesso em: 02 jun 2021.

_____, Roberto Carlos. El frente extractivista: una formación socioeconómica y espacial transfronteriza (Argentina, Brasil y Paraguay 1865-1930). **Cuadernos de la Frontera**. Posadas, Año I, n.2. 2004b.

_____, Roberto Carlos. Procesos transfronterizos complejos: el caso de la Triple Frontera. **Cuadernos de la Frontera**. Posadas, Año I, n. III. 2004c.

Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649434/15989>> .Acesso em: 04 jun 2021.

_____, Roberto Carlos. Los movimientos sociales en las regiones de frontera. Algunas experiencias en el proceso de integración., 2008. In: **IX Congreso Argentino de Antropología Social**. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas. Disponível em > <https://cdsa.academica.org/000-080/291.pdf> .Acesso em: 04 jun 2021.

ANGILELI, Cecilia Maria de Moraes et al. Reestruturação Urbana e Social da Fronteira: Mapeamentos e Debates. In: SIEPE, I, 2018, Foz do Iguaçu. **Anais [da] 1. Semana Integrada Ensino, Pesquisa e Extensão ; [recurso eletrônico] / VII. Encontro Anual de Iniciação Científica ; III. Encontro de Iniciação ao Desenvolvimento Tecnológico e Inovação ; VI. Seminário de Extensão Universitária da UNILA / Organização Angelica Natal Peretti ... [et al.] ; realização: [Universidade Federal da Integração Latino - Americana]. - Foz do Iguaçu: UNILA, 2018. p. 181-185. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/4494> . Acesso em: 02 jun 2021.**

ANGILELI, Cecilia. ZANDONADE, Patricia. OLIVEIRA, Luiz. Relatório Técnico Comunidade Monsenhor Guilherme, 2019. Disponível em > <http://eppc.redelivre.org.br/relatorios/> . Acesso em: 03 jun 2021.

ANGILELI, Cecilia. ZANDONADE, Patricia. Relatório Parcial – Censo Cidade Nova II e Medições Eletromagnéticas. 2019. Disponível em > <http://eppc.redelivre.org.br/relatorios/> . Acesso em: 03 jun 2021.

BORGES, Paulo H. Porto. **História e Fotografia**. Disponível em > <http://djweb.com.br/historia/fotorealidade/fotorealidade.html> .Acesso em: 03 jun 2021.

_____, Paulo H. Porto. Terra e Memória: **Os territórios Guarani no Oeste do Paraná**. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. VII Expedição Geográfica da UNIOESTE: Espaços de Fronteira- Território e Ambiente. 2011. Disponível em > <https://oguatapora.com.br/wp-content/uploads/2019/09/Artigo139.pdf> . Acesso em: 03 jun 2021.

BRIGHENTI, Clóvis Antonio. Estados Nacionais e povos indígenas: análise da experiência Guarani. **Revista Cadernos do CEOM**. Chapeco, v.23, n.33, p. 66-87. 2011.

CIAVATTA, Maria. O Rio dos trabalhadores – A educação do olhar e a fotografia como fonte histórica. **Revista Trabalho Necessário**, v. 18, n. 35, Periódicos

UFF, jan 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.v18i35> Acesso em: 03 jun 2021.

_____. Mundo do Trabalho em Imagens: Memória, História e Fotografia. **Revista Psicologia : Organizações e Trabalho**. Florianópolis, v.12, n.1 p.33-46, jan-abr 2012. Disponível em > <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n1/v12n1a04.pdf> . Acesso em: 03 jun 2021.

DECURGEZ, Valdirene Reimann. PORTZ, Solange. SILVA, Paulo Renato da. O Quilombo Apepu: Memória e Representação de uma comunidade. In: Revista Unila Extensão e Cidade, Foz do Iguaçu, 1.ed. 2017, p. 86-98. Disponível em > <https://revistas.unila.edu.br/ruec/issue/view/56> . Acesso em: 03 jun 2021.

FOGEL, Ramón. La región de la triple frontera: territorios de integración y desintegración. RS: **Revista Sociologias**, ano 10, n. 20, jun-dez, 2008. Disponível em > <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/7090> .Acesso em : 02 jun 2021.

MARTINS, José de Souza. Imagem Incomum: a fotografia nos atos de fé no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.16, n.45, p.223-260, 2002. Disponível em > <https://www.scielo.br/j/ea/i/2002.v16n45/> . Acesso em: 03 fev. 2021.

MUAD, Ana Paula. Através da Imagem: Fotografia, História e Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, p. 73-98, 1996. Disponível em > https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf . Acesso em: 02 jun. 2021.

OLIVEIRA, M. A. Dados da Ocupação Bupas. **Paisagens Periféricas**. 2015. Disponível em > <https://paisagensperifericas.wordpress.com/dados-da-ocupacao-bupas/> . Acesso em: 03 jun 2021.

PALMA, Daniela. Um olhar de classe: a experiência da fotografia operária na Alemanha de Weimar. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 15/16, p. 104-122, 2006. Disponível em > <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18828> Acesso em: 02 jun 2021.

PEDRON, Simone Tatiana. O ITEPA e as Experiências Educativas dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no Assentamento Antônio Companheiro Tavares-PR (1998-2011). In: VII Regional Sul de História Oral. 2013, UNILA. **Anais do VII Encontro Regional Sul de História Oral**. Foz do Iguaçu, 2013. Disponível em > https://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/5/1377463585_ARQUIVO_PEDRON,Simone-Trabalhocompleto-EventoUNILA.pdf .Acesso em: 03 jun 2021.

PIRES, Cristiane Garacia. Conhecendo História de um Paraná Negro: A comunidade quilombola Apepu. In: Revista Unila Extensão e Cidadania, Foz do Iguaçu, 1. ed, 2017, p. 32-39. Disponível em : <https://revistas.unila.edu.br/ruec/issue/view/56> . Acesso em: 03 jun 2021.

PORTO-GOLÇALVES, Carlos Walter. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina. **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor**, Buenos Aires, 2003 Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D1679.dir/17porto.pdf>. Acesso em: 03 jun 2021.

SANTOS, Maria Helena dos. SOUZA, Angela Maria de. O Sol de Maio de Foz do Iguaçu: Debate étnico-racial na escola. In: **Revista Unila Extensão e Cidadania**, Foz do Iguaçu, 1. ed, 2017, p. 49-61. Disponível em > <https://revistas.unila.edu.br/ruec/issue/view/56> .Acesso em: 03 jun 2021.

Dissertações, Monografias e Teses acadêmicas:

BAHNIUK, Caroline. **Educação, Trabalho e Emancipação Humana**: Um estudo sobre as escolas itinerantes dos acampamentos do MST. 181f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em > <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91897/254667.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .Acesso em: 04 jun 2021.

BORGES, Paulo Humberto Porto. **Fotografia, História e Indigenismo**: A Representação do Real no SPI. 2003. 169 f. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2003. Disponível em > <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253687> .Acesso em : 02 jun 2021.

BRANT DE CARVALHO, Maria Lucia. **Das terras dos índios aos índios sem terras**. O Estado e os Guarani do Oco'y: Violência, silêncio e luta. 2013. 835 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia Humana, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-17022014-105114/publico/2013_MariaLuciaBrantDeCarvalho.pdf .Acesso em : 02 jun 2021.

CARDIN, Eric Gustavo. **A expansão do capital e as dinâmicas da fronteira**. 194 f. Tese de doutorado – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

Disponível em > <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106261> . Acesso em : 02 jun 2021.

CARVALHO, Leticia Marroquim. **Apepu: um território Quilombola no oeste do Paraná.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar)- Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2014. Disponível em > https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5882/APEP%C3%9A_u_m%20territ%C3%B3rio%20Quilombola%20no%20oeste%20do%20Paran%C3%A1.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 03 jun 2021.

CATTA, Eduardo Luis. **O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Brasil da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em > <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76115> . Acesso em: 02 jun 2021

CLIVE, Adrielle S. **Espoliação Urbana em Foz do Iguaçu:** Desigualdades socioespaciais e vulnerabilidade no bairro de Cidade Nova. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/5847> . Acesso em: 03 jun 2021.

DE MELO, Rafael Fonseca G. D. **Estratégias e lutas Guarani contra o processo de desterritorialização no Oeste do Paraná no século XX.** 2019 63p. Trabalho de Conclusão de Curso em História América Latina – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5919/Estrat%C3%A9gias%20e%20Lutas%20Guarani%20contra%20o%20Processo%20de%20Desterritorializa%C3%A7%C3%A3o%20no%20Oeste%20do%20PR%20no%20S%C3%A9culo%20XX?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 03 jun 2021.

FÓSS, Airton. **Ocupação territorial no Brasil e os direitos à moradia digna e à cidade:** Contribuições do Serviço Social. 2019. 67 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5388/TCC%20AIRTON%202017-12.pdf?sequence=2&isAllowed=y> Acesso em : 03 jun 2021

GONZALEZ, Emilio. **Memórias que narram a cidade:** Experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2005. Disponível em > <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/12772> . Acesso em: 02 jun 2021.

MONTIEL DA SILVA, Stella. **Filosofia da práxis e superexploração da força de trabalho**: apontamentos sobre o retrato (aparência-essência) do mundo do trabalho no Brasil (1999-2019). 2020. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciência Política e Sociologia – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em > https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/6032/TCC_Stella_2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y .Acesso em: 03 jun 2021.

PIMENTEL, Joara de Oliveira Cardoso. **Moradia digna é mais que um teto e quatro paredes**: o papel da localização da habitação social no processo de constituição do direito à cidade. 2016. 94 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/694/TCC%20%20final%20%20Joara%20Pimentel.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .Acesso em : 03 jun 2021.

SILVA, Bruno Lujan da. **Yalorixá Marina** : A Trajetória De Uma Família De Santo Na Tríplice Fronteira. 2017. 55. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História – América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3849/O%20IL%c3%8a%20AS%c3%89%20JU%20OG%c3%9a%20FUNMILAIY%c3%93%20TCC%20COMPLETO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .Acesso em: 03 jun 2021.

SILVA, Jussamar da. **A Usina de Itaipu e a Operação Condor**: o outro lado das relações bilaterais Brasil-Paraguai (1973-1987). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2010. Disponível em > <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/13215/1/Jussamar%20da%20Silva.pdf> .Acesso em: 02 jun 2021

SOUZA, Aparecida Darc. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu**: Um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). 216 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em > https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-21102013-162826/publico/2009_AparecidaDarcDeSouza.pdf .Acesso em: 03 jun 2021.

SOUZA, Izabela Fernandes de. Sou entre elas. **Na encruzilhada dos saberes**: fronteiras, escrituras e (re) existências de mulheres negras na cidade de Foz do Iguaçu. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5540/disserta%C3%A7%C3%A3o.Izabela-IELA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .Acesso em: 03 jun 2021.

MANARIN, Odirlei. **Peões da Barragem**: memórias e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica de Itaipu (1975-1991). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, 2008. Disponível em > <http://tede.unioeste.br/handle/tede/1742> .Acesso em: 02 jun 2021.

PEREYRA, Nicolás. **Al margen del Paraná**: Análisis urbano de la región de Foz de Iguazú (BR), Ciudad del Este (PY) y Presidente Franco (PY). 2017. 33 p. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Arquitectura y Urbanismo) – Universidad Federal para la Integración Latinoamericana, Foz de Iguazú , 2017. Disponível em > https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/2738/Al%20margen%20del%20Paran%C3%A1_%20Nicol%C3%A1s%20Pereyra%20A3.pdf?sequence=2&isAllowed=y .Acesso em: 03 jun 2021.

RIBEIRO, Danilo George. **Metamorfoses na cidade**: tensões e contradições na produção e apropriação do espaço urbano em Foz do Iguaçu. 256f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2015. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2026/1/Danilo%20George%20Ribeiro.pdf> .Acesso em: 03 jun 2021.

RODRIGUES, Luiz Felipe. “**Olha o alho!**” A cidade de fronteira nos passos do sujeito. 2016. p.137. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia - Bacharelado – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/685/TCC%20LUIZ%20FELIPE%20RODRIGUES%20-%20GEOGRAFIA%20BACHARELADO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .Acesso em: 03 jun 2021.

RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha. **Autonomia das mulheres por meio do trabalho**: um estudo de caso sobre produção e comercialização em feiras agroecológicas de Foz do Iguaçu/PR. 2019. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em > <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4522> . Acesso em: 03 jun 2021.

SABINO DE SOUZA, Cristiane Luiza. **Terra, trabalho e racismo**: veias abertas de uma análise histórico-estrutural no Brasil. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em > <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204570> Acesso em 03/06/2021.

SANTANA, Janaina Jesus Lopes. **Implementação da lei 10.639/03: O Movimento hip hop como forma de ampliação do debate étnico-racial na educação.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/1943/IMPLEMENTA%C3%87%C3%83O%20DA%20LEI%2010.639%20-%2003%20O%20Movimento%20hip%20hop%20como%20forma%20de%20amplia%C3%A7%C3%A3o%20do%20debate%20%C3%A9tnico-racial%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=4&isAllowed=y> . Acesso em: 04 jun 2021.

SARGES, Melrilane Farias. **Cultura e Segurança Alimentar dos Povos de Terreiro** - um estudo com a comunidade Ilê Asé Ojú Ogun Funmilaiyó. 2017. 82 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5612/TCC%20-%20Melrilane%20Farias%20Sarges.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso 03 jun 2021.

SOUZA, Aparecida Darc. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu:** um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). Tese (doutorado em história econômica)- USP, São Paulo, 2009. Disponível em > <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-21102013-162826/pt-br.php> . Acesso em: 03 jun 2021.

UEDA, Eduardo Gonçalves. **História e memória dos trabalhadores brasileiros na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.** 2019. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciência Política e Sociologia – Estado, Sociedade e Política na América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em > <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5100/UEDA%202019%20TCC.pdf?sequence=4&isAllowed=y> Acesso em: 03 jun 2021.

VARGAS, Ian Martin. **O papel do Estado e o direito humano à moradia:** estudo de caso qualitativo na Ocupação Bubas em Foz do Iguaçu – PR-2019. 104 pág. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2020. Disponível em : http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5070/5/Ian_Martin_Vargas_2020.pdf . Acesso em: 03 jun 2021.

Livros:

- ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. **Paisagens reveladas no cotidiano da periferia**. 1^o. Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2014.
- ANTUNES, Ricardo (org). **A dialética do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**. Um genocídio, um etnocídio um memoricídio praticado contra os povos da América Latina. RJ: editora nova fronteira, 2010.
- BAMBIRRA, Vania. **Teoría de la Dependencia, una anticrítica**. México: Ed. Era, 1983.
- BATALLA, Guillermo Bonfili. Historias que no son todavía historias. In: PEREYRA, Carlos. **Historia ¿ pra que ?**. 21 ed. México: Siglo XXI Editores, 2005, p. 227-245.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion., BRIGNOLI, H. **História econômica da América Latina**. 3 ed. SP: Graal, 1984.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 6ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ClAVATTA, Maria. **O Rio dos trabalhadores - A educação do olhar e a fotografia como fonte histórica**. Revista Trabalho Necessário [online] v. 18, n. 35, Periódicos UFF, jan 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.v18i35>
Acesso em 02/06/2021
- CRARY, Jhonatan. 24/7. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. SP: editora Ubu, 2016.
- DELGADO, Paulo Roberto. Negros no Paraná na primeira década do século XXI: características demográficas e desigualdades raciais. In: BLEY, Regina, Bergamashi, RAGGIO, Ana Zaiczuk. TRAUZYNSKI, Silvia Cristina. **Abordagem Histórica sobre a População Negra no Estado do Paraná**. Curitiba, v.2,p. 46-75, 2018.
- FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogía del Oprimido**. México: Siglo XXI editores, 54^a. Edición, 2002.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. 4ª edición. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986

GALEANO, Eduardo. **Ser como ellos y otros artículos**. México: Siglo XXI editores. 1992.

GERMANI, Inez Guiomar. **Expropriados Terra e Água: O conflito da Itaipu**. 2.ed. Salvador: EDUFBA: ULBRA, 2003. Disponível em > https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/expropriados_terra_e_agua.pdf .Acesso em: 03 jun 2021.

GOMES JÚNIOR, Jackson; SILVA, Geraldo Luiz da; BRACARENSE, Paulo Afonso (Orgs.) **Paraná negro**. Fotografia e pesquisa histórica: Grupo Clóvis Moura. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008. Disponível em: http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/parana_negro.pdf . Acesso em: 03 jun 2021.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre a historia**. SP: Companhia das letras, 1998.

_____. **Tempos fraturados**. SP: companhia das letras, 2013.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. SP: Brasiliense. 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rev, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOROL, Cláudia. **Triple frontera** : Resistencias Populares a la Recolonización del Continente / Claudia Korol ; compilado por Silvia Bignami y Claudia Korol. - 1a ed. - Buenos Aires : América Libre, 2008.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo**. São Paulo: Centauro, 1917/2009.

LUCE, Mathias Seibel. **Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias - uma visão histórica**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2018.

MANDEL, Ernesto. **El capitalismo tardío**. México, Era, 1979.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. 4ª ed. Coleção Pátria Grande. Florianópolis: Ed. Insular, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

_____. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

MARX, C. **Contribución a la crítica de la economía política**. México: Siglo XXI editores, 7ª. Edición, 2003.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2020.

_____. **Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Zumbi, 1959.

MRAZ, John. **Historiar Fotografias**. 1ºed. Mexico: Edén Subvertido, 2018

MUAD, Ana Maria. **Fotografía e História, Interfaces**. In: AGUAYO, Fernando y ROCA, Lourdes. *Imágenes e Investigación Social*, México: Instituto Mora, 2005, 493p. [p. 464-474]

PELOSO, Ranulfo (org). **Trabalho de Base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. 1.ed - São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SABERES em movimento. **As trajetórias de resistências e a educação popular na américa latina**. Projeto de Extensão Formação de Formadores. Foz do Iguaçu, 2017.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. RJ: Editora Record, 2000.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

SCOTT, J. **Los dominados y el arte de la resistencia**. México: ediciones era, 2000.

RIBEIRO, Maria de Fatima Bento. **Memórias do concreto**. Vozes na construção de Itaipu. Cascavel: EDunioeste, 2002.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade na fronteira do legal e do ilegal**. SP: Editora Argumentum, 2010.

TRASPADINI, Roberta; ANGILELI, Cecilia et al. **O Brasil e a produção das cidades**: Uma leitura interdisciplinar do rural que insiste em brotar no urbano. In: SUAVE, Angela M.; DOS SANTOS, Katia H.; BASTOS, Danilo D. (orgs). O Urbano em Questão: reflexões críticas. São Paulo: Ed. LiberArs, 2020.

TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (orgs.). **Ruy Mauro Marini - Vida e Obra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

TRASPADINI, Roberta. et al. **Os saberes em movimento em território de fronteira**: entrecruzando lutas no encontro dos rios. In: KOROL, Claudia (Org.)

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. SP: Companhia das letras, 1998.

VARGAS, Fábio Aristimunho. **Formação das fronteiras latino-americanas**. Brasília : FUNAG, 2017.